HARPA DO MONDEGO,

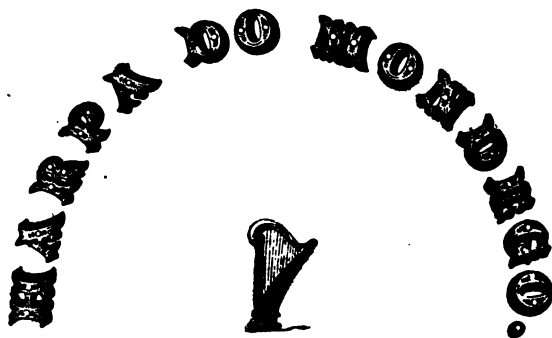
COLLECÇÃO DE POESIAS CONTEMPORANEAS,

REDIGIDA

POR

UMA SOCIEDADE D'ACADEMICOS.

I.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,
1855.

Harpa maviosa do Mondego ameno,
No silencio da noite a horas mortas,
Por nascentes poétas afinada,
Faze vibrar teus sons harmoniosos;
Vai acordar os echos d'essas margens,
Qu'outros vates cantaram n'outro tempo,
Tempo dourado, que resurge agora.
Teus cantos, ou d'ardente melodia
Por futuro de rosas suspirando;
Ou de amargo sentir, terna saudade,
Chorando por passado mais ditoso;
Já louvando os feitiços de donzella
Cujos olhos de azul brilham tão mansos;
Já igneo dardejar d'uns olhos negros
Capazes de mudar um peito em cinza;
Ou p'lo sôpro de gêlo da desdita,
Por sceptico pensar tão louco e triste,
Ou d'ironia amarga repassados,
Ou quanto mais lhe inspire o estro vario,
Irão soar cadentes n'esses bosques,
N'esses valles, no rio, nas collinas;
E hão de os echos saudosos repetil-os
Já longe e longe em mal distinctas vozes.
Nem por fragil te assuste a negra sombra
D'esse trilho, qu'encetas inexperta;
Da crítica o soprar ha de açoitar-te;
Quando sensata presta-lhe respeito,
Quando baixa e mordaz só o desprêzo.
Começa tudo fragil, pequenino;
Ás vezes é ribeiro em sua origem
O rio que mais longe transbordando
Talando vai os campos e cidades,
E colôsso possante invade o oceano.

Sem força o rouxinol resguarda o ninho,
Que mais tarde crescendo vai ligeiro
Sulcando o ar co'as azas já mais fortes:
Seu peito, que fraquinho era ao principio
Mais tarde trina alegre, harmoniôso,
Em noites de verão d'entre o silvado
Sob o mago clarão d'argentea lúa.

. . . .

E vós, poétas, cuja fronte altiva
Ornaram louros já, vinde ajudar-nos;
Pegai de novo na esquecida lyra,
P'ra que um canto recente possa ainda
Tornar os vossos nomes mais famosos.

C. S. VASCONCELLOS.

O POETA.

Nasceste, poeta, e d'amores
E d'honra creste o viver:
A vida c'rôa de flores,
Sem um aspide só ter!..
Amaste.... sorrizo amargo
Abriu-te um golpe tão largo,
Que a tua alma alli deu fim!
Era o mundo—tigre astuto—
—Pôdre cadaver corrupto,
Amortalhado em setim!—

Quizeste cantar.... teu canto
Era froxo, e sem clarão....
Que não diz trova de pranto
Quanto soffre um coração!
Rija vóz nascida d'alma,
Não abrange a regia palma
Do sentir, filho dos ceus:
Na vóz—palavras finitas—
No sentir—tróvas bemdictas
Inspiradas só por Deus!

O que val ter o baptismo
De Deus, de crença e d'amor,
Se vem do mundo o cynismo
Rir em face a tanta dôr?...
Que val nas mulheres anjos
Ver sómente? E mil archanjos
Crêr brandindo argentea luz?
Se ninguem no mundo te ama,
Se abrazado em tanta chamma
Ao pêso vérgas da cruz.

E flôr por flôr se desfólham
Taes grinaldas do porvir!
E as turbas soberbas olham
Vendo-as por terra caír.
Morre o sentir. Nem valêra
Essa crença que morrêra,
Nem a luz com que fulgiu:
Vive o corpo; vive a louza,
Onde o pensamento pousa
Onde nunca mais luziu.

Exulta.... poéta! O tormento
Cinge-te a auréola da fé!
Teu egregio pensamento
Novos mundos põe de pé.
Á terra, não dês teus cantos,
Mas não lhe votes teus prantos,
Porque vaidosa sorri.
Canta a Deus.... que Deus é grande,
E o genio que em ti s'expande
Acendeu-o Deus em ti.

Sorri no centro das praças,
Ante as miserias que tem:
Sorri do pobre ás desgraças,
Sorri dos prantos da mãe!
Isolado.... a Deus aspira,
Vive nos cantos da lyra,
Toma o sceptro, que é só teu,
Rasga ao porvir os mysterios,
Funda na terra os imperios,
Que Deus te manda do ceu.

No combate da morte co' a vida
Fragil vida ante a morte caíu;
No conflicto do genio co' a morte
Triste a morte impotente fugiu!

Vencedôra na lucta primeira
Vai a morte o sudario rasgar,
Vai sombria nas sombras da campa
Gôsto hediondo profana cevar!

Supplantada na lucta segunda
É rojada no pó a tremer,
É que o genio potente se eleva
Sobranceiro co' a fama a viver.

Fragil corpo, que á terra pertence,
Para a terra dos mortos desceu,
Morreu nobre o visconde Garrett!
O cantôr immortal não morreu!

Não morreu! qu' inda o dizem as obras
Immortaes, em que o nome gravou,
Inda o diz D. Branca, Adosinda,
E Camões, que tão bem nos cantou.

. . . .
. . . .
Expirando deixou aureo traço
Ao passar, qual veloz furacão:
O ministro desfaz-se em poeira,
Mas o genio sublime, esse não!

III.

Socegado e com fé morreu de poeta:
No momento final do passamento
Saudôso encara a filha que sozinha
Sem pae fica no mundo, inda tão nova
Já derramando lagrimas tão tristes!
. . . .
Porque choras, ó virgem singela,
Sobre a campa vestida de dó?
Porque velas sozinha a deshoras,
Lacrimosa, ajoelhada no pó?

Oh! não chores, donzella, não chores,
Muda em risos o pranto e afflicções,
Porque o nome do poéta não morre,
Que esse nome é rival de Camões.

Fragil corpo, que á terra pertence,
Para a terra dos mortos desceu,
Morreu nobre o visconde Garrett!
O cantor immortal não morreu!

. . . .
Expirando deixou aureo traço
Ao passar, qual veloz furacão:
O ministro desfaz-se em poeira,
Mas o genio sublime, esse não!!

Coimbra, 22 de Dezembro de 1854.

C. S. VASCONCELLOS.

O DOUDO.

Passei—o povo na praça
Se apinhava junto a mi,
Olha-me a turba devassa
E chama-me doudo—e ri.
Retiniu a gargalhada,
Soturna, fria, pausada;
Perdeu-se ao longe—pensei
Um momento em mim—vaidade!
Á turba dei por piedade
O meu desprêzo, e passei.

Porque luctas sociedade
Contra o genio?—Não venceu
Teus sophismas a verdade
Nos labios de Galilêu?
E era um doudo.. . de demencia
Alcunhaste a intelligencia,
Cujo peso te esmagou!
Não chamaste louco ao Tasso,
Por fendêr n'um vôo o espaço
Que o talento lhe marcou?

E eu doudo... porque sózinho
Não imploro amôr ou dó,
Firme trilho o meu caminho,
Mas quero trilhal-o só!
Vêr-me só n'este degrêdo,
Não profanar um segrêdo,
Nem ir mendigo servil
Pedir gloria;—não carêço
De vendêr-me pelo preço
De um sorriso estulto e vil!

Se soffri muito, calei-me—
Reprêsa ficou a voz.—
No inferno d'alma abrazei-me;
Mas eu era e a dôr a sós,
A ninguem pedi a esmola,
De uma lagrima que rola
Nas faces por compaixão—
Foram só meus meus gemidos,
Não quiz vêr prostituidos
Mysterios do coração.

Tantas fui n'esta alma ardente
Visões lindas conceber!
Que desengano pungente!
Encontrei uma mulher
Em vez das visões divinas!
Colloquei-me entre as ruinas
Do meu passado, e o porvir;
Olhei a vida de perto,
Vi um horizonte incerto,
Quiz têr fôrça p'ra reagir.

E tive-a—da dependencia
As algemas quebrei eu.
Nem sequer a esta existencia
Pedi o influxo do céu;
Porque uma vez... não me esquece....
Balbuciei uma prece,
De angustia soltei um ai,
Da mágoa o brado no anceio
Que não teve écho no seio
De um Senhor que é Deus, que é Pae!

Ao soffrimento puz termo,
Suffoquei na alma as paixões,
E no peito achei um êrmo
De affectos, de sensações.
Parti de um golpe as cadeias
Que me anciavam, e nas veias
Livre o sangue tem calôr;
Encontro-me só, mas forte,
Salvo o espirito da morte
De um marasmo assustador!

D'estes hombros n'um momento
Arrojei p'ra longe a cruz,
E pedi ao pensamento
Em vez das trévas a luz.
Quiz vêr, e vi — não sente
Ninguem — a palavra mente
Que quer dizer coração,
É o homem meu inimigo,
Ao que me bradou—amigo—
Recusei volvêr-lhe a mão.

Da mulher á face impura
Que me fallou em amôr,
Com hypocrita candura,
Com calculado fervôr,
Com mentido enthusiasmo,
Cuspi violento o sarcasmo
Forcei-a a os olhos baixar!
E a mulher, o homem vingaram
A minha affronta—e bradaram
« Deixae o doudo passar! »

E o doudo passa — não venha
Sêr-lhe de estôrvo ninguem.
N'um abysmo se despenha
Rindo ao mal e rindo ao bem?
Que vos importa, se expande
Sua alma assim? se elle é grande
Porque em si é grande a fé?
Se vós tremeis por bem pouco,
Porem vêdes sempre o louco,
Firme, impassivel, de pé?!

ERNESTO MARECOS.

REMORSO.

Yo cubrira con mi cuerpo el tuyo
Cuando la lluvia fria penetrara
La piedra que te oculta de mis ojos:
—Y el cierzo de la noche
Tus cienes no tocava. Z.

I.

Não gostais d'um cemiterio?
Pois vinde comigo,—entrae—
Vestí o crepe funereo,
Se virdes a cruz—orae!...
Deixae lá fóra as maldades,
Ambições, honras, vaidades;
Trazei o pranto, as saudades;
Curvae a fonte—ajoelhae.

II.

—Aqui são tudo pavores!!
N'estes palacios do nada
Não brilham cótas de malha
Nem c'roas pódem fulgir—
Que resta de riso e dores?
—Pedaços d'alguma ossada,
Sanguenta pôdre mortalha,
Rôta caveira a lusir.

Qual pendão sobre destrôços,
Sobre as louzas dominando
Impõe silencio profundo
À bandeira de Jesus!
Falla aos descarnados ossos!
Solemne, eterna, bradando:
« As ruinas d'este mundo
Verá impavida a cruz!! »

III.

É noite!—nunca as estrellas
Mais refulgentes, mais bellas
Mostraram tanto fulgôr!
Nunca sob o firmamento
Se curtiu egual tormento,
Egual martyrio na dôr!!!

Deus é grande!!! o condemnado
Seja embora encadeado
Por soffrimento infernal,
Em seus accentos profundos
Os astros cantam e os mundos
O seu *Hossana* immortal!!!

IV.

Além sobre a campa, de musgo coberta,
Dous vultos se ostentam immoveis, alli.
Pranteiam saudades que a louza desperta?!.
Não sáem finados da campa entreaberta,
Não pódem duendes vagar por aqui!

Olhae-os de perto!—rasgae-lhes seus mantos,
Pasmae do contraste!!—tremendo que elle é!!
—A fé que se esmalta com per'las de prantos,
—Sorrindo o cynismo d'affectos tão santos,
—Do sceptico o marmor—do martyr a fé !!!

É filho que chora—seu pranto é bemdicto;
Se tendes saudades, ouvi-o, e chorae!!
Ao ente perdido, covarde e maldicto
Lavou-lhe seus crimes a uncção de contricto;
Ouvi-lhe os lamentos; se tendes um pae!

V.

. . . .
Jaz alli: era tão nobre...
E ao abandono morreu!
Abre esta campa que o cobre,
Era um velho, morreu pobre,
Tão pobre, tanto, como eu!
Não tenho nada na terra,
Mas abre a campa que o encerra,
E abro-te as portas do céu!

Tu não sabes?! por amigo
Não conheci mais ninguem,
Era o meu unico abrigo:
Deixa estreital-o comigo,
Sepulta-me alli tambem.
Do remorso é crua a guerra—
E eu não quero mais da terra,
Que p'ra mim, nada mais tem.

Não tens nos olhos um pranto,
No peito não tens um ai?!
—Nunca tu soffreste tanto!
Não sabes o que é de santo
O pranto que á terra cái!!
Velho! esta campa descobre
Dá-me o esqueleto d'um pobre,
Que esse pobre era meu pae!

VI.

E o velho immovel, de braços cruzados
Deixara um sorriso dos labios fugir!
Imagem da terra que a nobres lamentos
Oppõe um motêjo—profundos tormentos
Não sabe sentil-os, mas sabe sorrir!

E o pobre em delirio a fronte apertava,
E o pranto na louza tornava a caír;
Quebrar em pedaços a louza quizera,
Chamava em lamentos o pae que perdera. . .
Immovel o velho tornava a sorrir!

VII.

Escuta, velho! uma noite. . .
Nunca vi mais lindos céus!!
Lembras-te?—eu era soldado. . .
Era soldado e poeta,
Tinha uma lyra, bem sabes
Era um leal trovador,
Meus hymnos eram p'ra Deus!
Nunca em cantos mais sagrados
Transluziu mais santo amor!!
. . . Ardia a guerra! aos combates
Corria como valente. . .
De repente. . .
Não sei que visão do inferno
Me perdeu!!
A mulher que em meus sonhos sempre vira
Nos combates, no céu, nos sons da lyra,
Appareceu!!. . .
. . . Escuta, velho! não digas
A ninguem
Este segredo fatal.
—Deixei a peleja e a lyra,
Soldado—fui um covarde,
—Trovador—fui desleal!!!

VIII.

O velho sorriu-se!! pois era bem triste
Seu fundo tormento, seu triste carpir;
Que importa no mundo que a dôr seja immensa
Se o mundo tão baixo não tem uma crença?!
Se o guarda dos tum'los não póde sentir?!

IX.

—Era uma noite em que os astros
Cantavam a gloria de Deus,
E eu deixava a minha terra
O santo berço em que eu nasci,
Fugi!!!
Sem saudades, sem remorsos...
Fui longe da minha patria! longe... longe...
Sobre mares, sobre gêlos, sobre escolhos....
A sêde, a fome, e o frio, só por ella
Supportei!!!
Era um ente infernal, mas era bella!!!
...Tinha fome! pedi fructos á terra,
E a terra só tinha espinhos
P'ra offertar.
Estalava de sêde, e vi os rios
Como serpentes d'arêas
Beber no mar!!!
Quiz encontrar uma sombra,
Corri—corri como um louco...
Era alli já o deserto
Aonde não ha palmeiras
Nem rosaes.
Ai, velho! escuta e perdôa,
Lembrei-me 'inda sem saudade
De meus paes!
Que me importava morrer,
Se eu ia morrer por ella,
Que estava alli?!
Mas não—que era uma lei viver ainda
Por ella, que era o meu Deus
O meu guia, o meu pharol!
Comi o pó das arêas,
Bebi um raio do sol,
. . . . . . E vivi! . . . . .

X.

. . . .
E o velho immovel, que não tinha lagrimas,
Só dava em troca do martyrio seu,
Pallidas faces de phantasma livido,
Marmore inerte de gelado atheu!!. . . .

XI.

Volveram dias bem tristes,
Bem crueis.
Levei a mão sobre a fronte.
Ai, velho! achei só espinhos
Onde existiram laureis!
A Messalina devassa
Escarneceu-me, e fugiu!
Fallava tanto d'amores, . . .
E mentiu!!
. . . .
Lembrei-me que fui poeta,
Que tinha sido soldado,
Mas a lança, a lyra, a espada,
Tinha-as quebrado!!!
Por piedade não sorrias
D'esta dôr que me lanceia!
Velho! escuta o maior crime . . .
Mas não rias com desdem.
Lembrei-me com saudade de meus paes
Quando já não tinha mais,
Nada mais, e mais ninguem!!
. . . . Não ouviste? calca aos pés
O verme que te nauseia!
Não tremas. . . meu peito anceia
Somente a morte.
Salvas-me aos baldões da sorte
E tens morto um reprovado.
Filho, poeta e soldado
Fui ingrato e desleal!
Deixa estes crimes punidos
Se tens no peito escondidos
Um coração, e um punhal!
. . . .

Corri através de mundos,
Esmolei de porta em porta
P'ra viver,
Dizia que vinha longe
Pedir um perdão na terra
E morrer.

Escarneciam do louco
Que lhes fallava com prantos
Que mais não!!
O mundo ou não vive, ou pensa,
Mas nunca folhêa o livro
Do coração.

Entrei na terra onde só deixára
Um nome envilecido,
Quem se lembrava do soldado fraco
Que se tinha perdido?

Pergunto ás turbas, se teriam visto
Um pobre velho, que eu alli não via;
Responderam: morreu de fome e louco,
Chamando um filho que o amou tão pouco
Da morte na agonia!

Nús os pés e a fronte nua,
Corri n'um cégo delirio
Bradando em prantos: morreu!!
O filho por quem chamava
N'hora extrema olhae,—sou eu!!
Não tenho nada na terra,
Abram-me a campa que o encerra
E abro-lhe as portas do ceu!!

E o mundo a farda apontava,
Folgava a turba folgava
Da gargalhada ao stridor;
É que a farda deshonrada
Trazia a infamia estampada
Como um contagio d'horror!!....
Deixo a terra sem saudade,
Que nunca me deu piedade,
E eu não posso dar-lhe amor!!

E tu, velho, não crês ainda
Que, abrindo esta campa ao louco,

Elle abra as portas dos céus?
Não sabes que o mais perdido
Se é contricto em pranto ungido
Val um anjo aos pés de Deus?!

XII.

Caiu de joelhos na pedra da campa,
E em rios os prantos caíam no chão;
Até que o marasmo cansado extinguiu-se,
Nas fendas da campa o pranto affundiu-se,
Ás cinzas do velho pedindo perdão!

E ao velho immovel, de braços cruzados
Dos olhos um pranto se via descer;
Correu-lhe nas faces, que a dôr era intensa;
Mas logo, p'ra logo sorveu-o a descrença,
Nas rugas d'um riso se viu esconder!

XIII.

Passára a noite serena,
Ficou mudo o cemiterio;
Quem mais viu a negra scena
Que sombras, pavor, mysterio?
E á turba no outro dia
Entre o estrepito da orgia
Recordava inerte e fria,
« Sabeis? o louco morreu. »
O sabio passa indiff'rente;
Em vez de prantos.... maldicto
Sorri desdenhoso o atheu;
Mas o poeta, mais crente,
Diz que, martyr e contricto,
Entrou as portas do ceu!

T. A. RIBEIRO.

Coimbra, 9 de Novembro de 1854.

A RECEMNASCIDA.

NO ANNIVERSARIO NATALICIO DA EXM.ª SR.ª D. ***

Eis-te no mundo vivente!
Anjo do Ceu innocente,
Que vens á terra fazer?
As tuas azas douradas,
Se as não queres ver cortadas,
Torna-as de novo a erguer.

Não queiras ficar na terra,
Que todo o mal que ella encerra
Terás aquí d'affrontrar:
Vai outra vez os teus hymnos,
Os teus canticos divinos,
Ao throno de Deos levar.

Affasta-te deste abysmo
De torpezas, de egoismo,
Não queiras ficar aquí;
Que a tua innocencia qu'rida
Verás de todo perdida
Como eu tambem a perdí.

Juras d'amor fementidas,
Santas promessas traídas
Hão de te a crença banir;
Tua fé inda constante
Sentirás a cada instante
N'um desengano caír.

A espr'ança — sonho da vida —
Vel-a-has tambem mentida
Ser ainda outra illusão:
E os prantos da desventura
Verterás com amargura
Do mundo no turbilhão.

E eis-te no mundo vivente!
Anjo do Ceu innocente,
Que vens á terra fazer?
As tuas azas douradas,
Se as não queres ver cortadas
Torna-as de novo a erguer....

Mas não—fica, sê meu guia,
Vem ser minha companhia
Neste mundo enganador:
Enchugarás os meus prantos
Alegrarás os meus cantos
Tão repassados p'la dor.

Vem tu ser a minha estrella
D'entre todas a mais bella.
Minha só,—de mais ninguem;
Anjo-da-guarda me sejas,
Tu que neste mundo adejas
Como o archanjo do bem.

E do erro, inda que leve,
Com tuas azas de neve
Ligeira—vem-me occultar....
E se em sonhos anhelante
Chamar por ti delirante....
Vem-me do sonho acordar!

Serás tu a minha esp'rança,
Da vida serás bonança
No tenebroso escarceu;
E quando o fio delgado
Tiver a morte cortado,
Voarei comtigo ao Céu.

Eis-te no mundo vivente!
Anjo do Céu innocente,
Tens na terra que fazer:
As tuas azas douradas
Amor as tem destinadas
Para da terra me erguer.

J. M. VELLOSO.

A M. PLACIDA.

AO MEU AMIGO C. P. DE FARIA.

Placida, dormes?—no marmoreo leito
Será d'encanto, ao despontar da vida,
Quando em mil sonhos se embriaga ó peito,
Tão fundo somno dormir!
Desperta, vem, que a gloria te convida;
C'roas, adorações, affagos, goso,
Tudo o mundo te offerta carinhoso....
Vem, anjo, á vida sorrir.

A vida é bella. Não será sublime,
Leda passando, c'um fogaz sorriso,
Rainha dos salões,
Como a brisa da tarde ao tenro vime,
Dobrar mil corações;
Inda te creio assim! inda deviso
Sob o véu de meu pranto a fórma airosa
De teu corpo gentil;
Como em redoma de crystal a rosa
Pura rosa d'Abril.

E á campa vais, quando d'amor a taça
Te era, bebida a flor, d'um goso eterno;
Sempre querida, fugitiva, escassa....
—Mel dos anjos.... para ti!
Veneno ardente d'amargor do inferno
A meu labio sedento que a buscava,
Crendo-a doce, e que funda inda me trava;
Que uma vez.... não mais! bebi.

E foges teu esposo, quando ardente
De tanto amor mal aspirava a rosa
Inda apenas a abrir;
E foges tua filha, anjo innocente
No bercinho a sorrir;

Mulher, do mundo a vida é mentirosa.. .
Esposa, não te punge uma saudade
N'esse voar aos céus....
Mãe, não dás, nos umbraes da eternidade,
Á filhinha um adeus?

Oh! déste:—as lagrimas ternas
Não são mudas no correr;
São as súpplicas maternas
Que só Deus sabe entender:
Diamantes d'immenso brilho
Com que as mães pagam d'um filho
O logar junto ao Senhor;
Com que, n'aurora da vida,
Lhes tece pura, querida,
Um anjo a c'roa d'amor.

Mas choraste!—Tua filha
Orphã no mundo não é;
Que sobre a fronte lhe brilha
O raio puro da fé:
Teu esposo inda cá fica....
De suas virtudes rica
Não lhe ha de o vicio tocar;
E tu, d'angustia nas horas,
De lá dos céus onde moras,
Has de seus passos velar.

Quem de teu leito nos lyrios,
Nas violetas e martyrios
Fôra lagrimas depor?
D'aurora o suave pranto
É bello; mas não é santo,
Tem brilho; mas não tem dôr!

Choraste, mãe!—inda um dia,
Quando a nação accordar,
E os ferros da tyrannia
Para sempre espedaçar,
Has de vel-a—então esposa;
Tu, surgindo mysteriosa
Como uma sombra d'amor,
Como a lua em nuvens d'ouro,
Tecendo a c'rôa de louro
Para o esposo vencedor.

Has de vêl-a, finda a guerra,
Tornados homens os reis;
Livre a nossa, a patria terra,
Livre já d'escravas leis,
Sob as prégas da bandeira,
Amorosa, feiticeira
De ternuras praticar;
E da noite no regaço
Com brando, mystico passo
Ir-te na campa resar.

Has de vêl-a.... que digo! porque aos eccos
Derramo em balde accentos da minh' harpa!
Anjo, que sóbe aos céus, não quer perfumes
Terrenos, que lhe enturbem, na passagem,
O celeste fulgor das azas puras.
Anjo, que sóbe aos céus, deslembra as fallas,
Que o mundo em labios d'homem lhe ensinára.
Embora! a voz do peito não-mentida,
Mas bem funda d'angustias, talvez anjos,
Quem sabe? a entendam: no fender o espaço
Para junto do Eterno, por momentos
Talvez os vôos lhe suspenda a vista
De pranto amargo: balsamo á tristeza
Acerba, immensa, ao menos para o homem
Certo as lagrimas são; e quantas vezes
Quebra o som d'uma voz o pensamento
Negro, terrivel, que nos ferve n'alma!
Sirvam-me, pois, de lenitivo á mágoa
Meus proprios cantos; e, se tanto podem,
A' mágoa d'outro que comigo chora.

Sobre a pallida lousa do sepulcro
Não fui prender-te a c'roa de saudade;
Longe, longe de ti não pude ouvir-te,
No momento fatal, o adeus extremo;
No baile, ha pouco, entre formosas damas
Deixára-te rainha formosissima,
E hoje, involta nas prégas da mortalha,
Só no meu coração vejo teu rosto!
Anjo, quem póde assim roubar-te ao mundo?
Não tem anjos o céu?—mais um que importa?
Ao throno do Senhor dará mais lustre
Um brilhante de mais?—Cala, poeta,
Teu impio perguntar!..........

E tu, candida imagem da virtude,
N'aurora da existencia assim colhida
D'entre as delicias mentirosas, futeis,
Mas doces, seductoras, d'esta vida
Placida dorme no marmoreo leito!
Coimbra — Dezembro de 1852.

A. AYRES.

A COROA E O CADAFALSO.

AO MEU AMIGO E COMPANHEIRO DE INFANCIA

EMYGDIO XAVIER PIRES.

Demain, c'est le sapin du thrône,
Aujourdui, c'en est le velours!
VICTOR HUGO.

I.

Era innocente donzella
Risonha vida a viver,
Era novinha, mas bella,
Quanto um anjo o póde ser.
Na sua mansão serena
Vivia Anna Bolena
Quando a tentou a ambição;
Viu um rei, sceptro fulgente,
Crê-se rainha, e contente
Não hesita dar-lhe a mão.

Cercada só de vaidades,
De festas, de pompas mil,
De mil castellos, cidades,
Rainha, nova, e gentil,
Vendo aos pés um rei curvado,
De seus dotes namorado,
Dá-lhe altiva o coração.
Ai! pobre virgem, vaidosa!
Oh! não vês que a fraca rosa
Se desfolha ante o tufão?

II.

Luzentes brilham as galas
Nos paços do Néro inglez;
Ornam mil luzes as salas
De Henrique VIII.—Uma vez
Vai folgar inda a rainha,
Que engolfada, coitadinha!
D'essas festas no prazer,
Não adevinha innocente
N'esse olhar duro, inclemente,
Que diz Henrique a volver.

Não adevinha.—Ligeira
Mal pousa os pés nos salões
D'essas dansas.—Feiticeira
Torna escravos corações.
Pois um olhar quem sustenta,
Que fascinando nos tenta
Tão magnetico?—não sei!—
Não decifra o olhar cioso
D'esse tigre, seu esposo,
D'esse monstro, que é seu rei.

Era bello vel-a airosa,
Qual d'alva a estrella, a brilhar,
Qual voluvel mariposa,
N'essas luzes doudejar.
Mas o monarcha offendido,
Julgando ver-se traído,
Já mal contém seu furor;
E seu peito soffre aballos,
Vendo a esposa entre os vassallos
A folgar com tanto ardor.

Como o tigre a preza espreita
Elle a sua, p'ra a tragar,
Que de cansaço desfeita
Se põe traiçoeiro a mirar.
Quando cego de azedume,
Qual a estatua do ciume:
—«Oh! cesse a festa!»—bradou;
E as festas logo cessaram,
E as dansas logo pararam,
E toda a côrte pasmou!

Cessou tudo.—N'essas eras,
Em que um tyranno era rei,
De um monarcha as ordens féras
Valiam mais do que a lei.
Cessou tudo.—Ao despotismo
Curva a fronte o servilismo,
Lisongeando o seu furor.
A lisonja é onça astuta,
Que nasce, e medra corrupta,
Do despotismo ao calôr!

III.

N'um camarim reservado,
Onde brilha a scintillar
Alva prata, ouro, e brocado,
Vê-se o rei inda a velar:
Negra dôr a face ostenta,
No peito f'rida sangrenta
Lhe corroe o coração;
Nem a c'roa, a régia palma,
Nem mesmo o throno lhe acalma
Essa dôr, essa afflicção.

Que pezar oscilla o sceptro,
E o monarcha faz tremer?
Do povo será o spectro,
Que malvado faz gemer?
Altos negocios do estado?
Pensará no seu reinado?
Não pensa.—Um monstro pensar!....
Se no throno é rei, e bravo,
Se esse povo é seu escravo,
Que póde a rir esmagar!

Será por ver ameaçado
De uma guerra o solio inglez?
Ou, de crimes já cançado,
Serão remorsos talvez?
Mas, aos crimes tão affeito,
Remorsos póde no peito
Henrique VIII sentir?!
Essa féra tão sanguenta,
Só de victimas sedenta,
Medita o crime, a rugir!

. . . .

Outr'ora, doudo por ella
Só por Anna amor sentiu,
Vendo-a criança singella,
Ao peito louco a cingiu,
Na fronte lisa e mimosa
Poz-lhe a c'rôa, e sua esposa
Sobre o throno deu-lhe a mão..
E esse thesouro d'outr'ora,
Quando o abraça, odeia agora,
Perdeu depressa o condão.

Já saciado — Anna innocente
Morte ignobil vai soffrer;
Por nova esposa, inclemente,
Outra esposa faz gemer.
Vai, co'a morte vai feril-a,
Ante um crime não vacilla!
Póde um tigre vacillar?!
É-lhe odiosa essa presença,—
Exulta o rei,— e a sentença
De morte lavra — a brincar!

IV.

Na maquina ignobil, immovel, erguida,
De negro coberta, só morte se lê.
Tão nova, a rainha, de preto vestida,
Formosa, serena, risonha, se vê:
—Que horrivel contraste da morte co'a vida!—
De sobre o patib'lo, tão viva, de pé.

Não treme a rainha,—seu povo corteja—
Na hora suprema não treme essa voz.
Co' os dentes tão bellos, a bocca, que alveja,
Sorrindo no cepo, lá falla ao algoz;
E—«acaba!»—lhe brada.... No ferro lampeja
A morte, pairando, certeira, veloz..........

E do cepo, onde encostára
A cabeça, solta um ai!
Esta, que o algoz decepára,
Sem corpo, morta, lá cai!
Essa cabeça, que altiva,

Era formosa, e tão viva,
No chão, caíndo, rollou.
E a rainha, Anna Bolena
Pereceu; — como a açucena,
Que foi cortada e murchou!

Da morte pregoeira, retumba a metralha,
E diz, que o capricho do rei teve um fim.
O algoz tão versado seu golpe não falha!...
E d'essa rainha, trajando o setim,
Do throno o que resta?—só negra mortalha,
No sangue ensopada, retincta em carmim!

Allí, um cutello, e o sol scintillando,
De sangue manchado, se vê reluzir!
Aquí, um cadaver, a terra beijando,
Seu somno de morte, profundo, a dormir!
E sobre o patib'lo — de pé,—exultando,—
Qual anjo das trevas,—um rei a sorrir!!...
Janeiro de 1855.

C. S. VASCONCELLOS.

A VIDA.

AOS MEUS AMIGOS J. A. C. DE BARROS E L. A. DE CARVALHO.

I.

Agora, amigos, bruxulêa e morre
Do sol o vívido tenaz clarão,
Tépida a brisa, que de manso corre,
Nas folhas brinca, de que alastra o chão.

Incerta a luz, que empallidece, e cede
Ás trevas densas, que surgindo vem,
Solemne esta hora, em que cada homem mede
Quão grande é Deus p'las sensações, que tem,

Brando o perfume que rescende e exhala
Na hástea mimosa debruçada a flor,
A natureza, que despindo a galla,
Um hymno entoa, que respira amor,

Incendem n'alma, que se est' nua lassa
Desejo ardente de espandir-se e amar,
De ver outra alma, que a compr'henda e faça
Acerbo espinho de pungir cessar.

É doce então ir sobre um peito amigo
Pallida a fronte repousar emfi,
E achar bem longe do vão mundo o abrigo,
Que em peito d'homem se não acha aquí.

Saiamos pois deste recinto estreito,
Que pouco a pouco nos mingua o ser,
E o ar nos falta, nos suffoca o peito,
Oh! d'outra vida vamos pois viver!

II.

É àrida e triste a vida!
No ermo de adusto pó
Cada creatura perdida
Ao acaso vai — e só,
E pára, e cansa, — o deserto
É immenso, — como incerto
Da jornada o fim que tem,
E pára, e cansa, e caminha,
Nem a mente lhe adevinha
P'ra onde vai, e d'onde vem.

D'onde vem?.. negro mysterio!...
Nasce e vive, e eil-a de pé,
P'ra onde vai? vai-se ao imperio
Da morte; — e não sabe o que é!
E no viver inconstante
Tem um orgulho gigante,
Julga-se grande e sorri,
Cede a um poder que a domina,
Vem um raio que a fulmina,
E onde sorriu.... morre alli.

A vida é arida e triste!
O triste pranto que vem
Cresta a esp'rança—e não resiste
A' dor a crença tambem.
E exulta o homem, não sabe
Que nelle a força não cabe?
Que n'elle ha só pequenez?
Que á menor fadiga cede,
Que póde morrer á sêde
Do deserto na aridez?!

E exulta... exultei—na infancia
Sorriu-me a aurora, sorri,
Enebriou-me a fragrancia
Das flores que amei e vi;
Que vasto jardim.... fecundo
Para mim não era o mundo!
Que horisonte, que illusão!
De forte que era innocente,
Homem tornei-me impotente,
Cahí da altura no chão!

A maga flór da existencia
Folha a folha se esfolhou,
O esmalte perdeu e a essencia;
Da pobre flôr que ficou?
Que pungente desengano!
Vão-se as folhas, vão no oceano
Supremo o transe passar;
Mas victimas de que impulso?
No seio do mar convulso
Quem foi as folhas guardar?!

Como o homem é cobarde!
Como é fraco o peito seu!
Ou se a mente em chammas arde,
Ou se a tolda espesso véu,
A fronte acurva e abate,
Fica immovel, no combate
Ingente.... não luctará,
Não ha um instante de vida
P'ra que o braço suicida
Diga á vida: «pára já!»

Amigos, tendes sublime
Santa a crença no porvir;
Qual a dôr que vos opprime?
Que mágoa vos vem pungir?
Para vós que panorama
Na fantasia se inflamma
De variadas cores mil,
Que perfumes tem as flores,
Que fé viva nos amores,
Que encantos n'um céu de anil!

Sabei, que atravéz de um prisma
Vós olhaes enganador.
Que quem na ventura scisma
Scismará depois na dor;
Que todo o sorriso mente,
Que todo o peito mal sente,
Que as trevas seguem a luz,
Que ha veneno nos carinhos,
Que cada flôr tem espinhos,
E cada alma a sua cruz!

O que val o estudo e a gloria,
Fumo que breve se esvái?
O saber foge e a memoria
Quando o corpo morre e cai.
Morre e cai — no campo vasto
Aos vermes serve de pasto,
Vão-lhe as fibras corroer,
É a vida espedaçada!
Volve-se a materia ao nada!
Eis como se extingue um ser!

III.

Ai! sêde firmes na crença;
Que é bom no amor, na virtude
Crenças ter:
Mais val que a ironia immensa,
Que o sorriso amargo e rude
Do descrer.

Eu cedo ao pezo infinito
De um viver árido e triste,
E real;
O meu destino é maldito —
E é o genio que me assiste
O do mal!

E se uma frase descrida
Solta em transes de amargura
A paixão,
Esquecei-a, — que na vida
Tambem offrece ventura
A illusão!

ERNESTO MARECOS.

DESESPERO.

I.

Que! não posso eu soltar um brado ao menos
De amargura cruel?
Hade fazer ouvir cantos serenos
Alma eivada de fel?
Eu só quizera que tivesses, lyra,
Notas de paz e amor....
Bem sei que toda a creação suspira,
Que é vã a humana dor....
Bem vejo a terra que a esperança aponta
Em seu verde tapiz;
De dia o sol, e á noite astros sem conta
Me dizem: — sê feliz!
A duvida, bem sei, o élo desata
Que prende esta alma á luz;
Mas se o infortunio minhas crenças mata
E ás trevas me conduz;

Se o meu ser inquieto se aniquila
Das paixões no tropel,
Hade fazer ouvir canção tranquilla
Alma eivada de fel?

II.

Não, não posso cantar ventura e amores
No meio do soffrer.
Cante ditas quem colhe amenas flores
Nos jardins do viver.
Que digam outros c'o sorrir nos labios:
«A vida é só gosar».
Eu vivo e soffro, e o meditar dos sabios
Não me póde alegrar.
Eu vivo e soffro, e quando a luz se junta
Da noite á pallidez,
Magoada minha alma ao sol pergunta:
«Porque vens outra vez»?
Porque outra vez, ó sol, meu ser desperta
Tua importuna luz,
Que a senda mostra de sarçaes coberta
Que minha alma seduz?
Porque accordar-me dessa somnolencia
Em que soffrer não ha,
Se aos vôos do coração, da intelligencia
O mundo risos dá?»
Maldito sejas, creador da vida,
Dessa illusão fatal,
Selva de aromas e verdor vestida,
Que tem dentro o chacal.
Maldito, ó sol, teu aziago brilho,
Que só dores me tráz!
Pune se queres teu rebelde filho
A quem a vida dás....
Que outros vaguem á luz de teus fulgores
Nos jardins do viver;
Eu não posso cantar ventura e amores,
No meio do soffrer.

III.

Oh! quem me dera um escondido leito,
Onde não fosse o sol
Nem aquecer-me o congelado peito,
Nem mostrar-me o arrebol.

É que a terra guardasse seus mil prados,
E os prados seu matiz;
Guardasse o empyreo os mantos estrellados
Para quem é feliz!
Para a alma que em paz vive tranquilla
Cantando amor e Deus,
Ou para o coração que não vacilla
Lendo o livro dos céus.
Mas eu, ai! quantas vezes interrogo
O céu e a terra em vão?....
«Porque penso eu, meu Deus; porque este fôgo
«Sinto no coração?
«Tu que espalhaste nas regiões celestes
«Estrellas mil e mil,
«E á terra déste as variegadas vestes
«D'uma noiva gentil,
«Porque me déste a mim só a amargura
«De sempre em vão buscar
«Não sei que amores, que vivaz ventura,
«Mas que não posso achar?»
E são baldados sempre meus lamentos
Qual do naufrago a voz,
Que escuta só dos despregados ventos
O rugido feroz.
Mas não, a minha sorte é mais amarga
Do que a d'esse infeliz;
A esse ainda o mar franco lhe alarga
O seio de rubís.
E elle lá pousa para sempre o peito;
Nem torna a ver o sol,
Que importuno o desperte de seu leito,
Mostrando-lhe o arrebol.

J. S. DA SILVA FERRAZ.

NO ALBUM

DA

EXM.ª SR.ª D. M. C. NAZARETH.

Et que est ce que l'amour? ha! pret à le nommer
Ma bouche en le niant craindrait de blasphemer.
LAMARTINE.

I.

Mulher, tu foste imprudente!
Pedir um canto ao poeta!...
Se o canto fosse descrido?!
—Podias calcal-o aos pés;
Desdenhar da pobre lyra,
Dizer «não creio, é mentira»
Rasgar o louco painel—
Mas tinhas lido esse canto,
Mas tinhas provado o fel.

Não temas, lyrio formoso,
Que medonho vento iroso
Te roube aromas e cor;
O poeta é sem clemencia,
Mas, quando falla á innocencia,
Esconde os prantos e a dor.

II.

Nesta folha pura, candida,
Por Deus, por a minha fé,
Que ia a gravar um protesto
De quem delira e não vê;
Perdoa, se tenho medo
De revelar-te um segredo,
Que tanto tempo guardei,
O meu enlevo mais q'rido,
Com quem eu endoudecido
Por tanto tempo sonhei.

De mais, se um dia em delirio
Cantei — hossanna — ao descrer,
Se n'uma hora d'amargura
Dei só despreso á mulher,
Se d'entre o amargo cynismo
Saudei louco o scepticismo,
— Talvez porque te não vi, —
Será vaidade indiscreta,
Mas disse-o como poeta,
Não posso dizer — menti.

Queres tu maga existencia,
Riso, e luz sem pranto, e ais,
Sonha o mundo dos poetas
Sem lhe transpor os umbrais,
D'esses palacios funereos
Cria na mente os mysterios,
Não vás devassal-os tu,
Não vás, — por flores bemditas
Crescem plantas parasitas
N'um solo abrasado e nú.

Lá não tens auras balsamicas
Brincando do norte ao sul,
Nem tapetes de boninas,
Nem ouro n'um ceu d'azul;
Tens blasfemias por carinhos,
Por leito esteira de espinhos,
Onde o dormir é morrer;
Lá tens um rio espelhado,
Mas de fel crystallisado,
Que tu não podes beber.

Lá, vês esqueleto livido
Sem crenças, nem coração,
N'um riso que val um crime
Tomar-te indecisa mão;
Levar-te através d'alfombras,
Entre cavernas e sombras
Seguir o caminho seu;
Vagar por sendas estranhas,
Já da terra nas entranhas,
Já por montanhas do ceu.

Descendo a cavernas gélidas,
E aos astros voando assim,
Has-de encontrar-te sem norte
N'um cáhos que não tem fim;
Presa, enlaçada, ao teu guia
Por seductora magia,
Que tu não podes partir,
Has-de seguil-o constante,
Sem ter um ai supplicante,
Nem força p'ra reagir.

Se no mundo dos espiritos
Ouves cantos divinais,
P'ra logo morrem vencidos
Por mil dobres funerais:
O pavor corre-te as veias
Olhas,—vês campas,—e anceias!...
Oh! pára!!..por Deus! por ti!!..
—Mas ficar?!.. se a morte é certa!
Fugir?.. e uma campa aberta
Não pode sorver-te aqui?!...

Corres—recresce o delirio,
Abrem-se as campas...que vês?
Longa esteira de esqueletos
Que estalam sob teus pés.
Do teu guia ao rosto exangue
Não resta um raio de sangue,
Que lhe mande o coração,
Nas faces não se projecta—
Que no viver do poeta
Não ha trégoas nem perdão!
....

III.

Oh! perdôa, virgem pura,
Se no espelho da candura
Fui o inferno retratar,
Nunca vi ao soffrimento
Ir estranho sentimento
Dizer-lhe—pára,—e parar!

Se o teu viver não tem dores,
Se é todo aromas e flores,
Festas, crenças, fogo e luz,
Dá um raio de conforto
A quem da vida no horto
Não tiver forças p'r'a cruz.

É tua missão na terra
Ser anjo da paz na guerra,
Do poeta a palma, na dor
Escutar-lhe os ais sentidos,
E não dizer—«são mentidos
Os seus protestos d'amor».

Não, não é por mim, que eu rogo,
Não pede um só nauta o fogo,
Que a vaga espelha ao pharol;
Tem Deus acaso um só crente,
Uma só alma rev'rente,
Um só satélite o sol?

IV.

Mulher! no teu livro d'ouro
Medonho quadro tracei,
Eu quiz cantar-te a verdade..
Triste, pallida a encontrei;
Nunca tu negues um pranto
Ao pobre, que soffrer tanto,
Que mais não pode, é descrê;
Dá-lhe a mão, salva-o do abysmo,
Prova o nada ao scepticismo,
Dá-lhe crenças, vida, e fé.

T. A. RIBEIRO.

AS CRENÇAS DA SOLIDÃO.

I.

Solidão, foi por teu canto
Que o rei David, o rei santo
Modulou santas canções;
E o teu cantar d'harmonia
Nos deu Camões na poesia
Tradusindo os teus pregões.

Solidão, são teus imperios
Ricos de santos mysterios,
Onde archanjos vem fallar,
Onde a voz da immensidade
Dá por templo—a eternidade,
Ergue a Deus um santo altar.

Solidão, és maga letra,
Que descortina e soletra
Quem em Deus rev'rente crê;
És livro d'ouro bemdito,
Contendo um hymno infinito
Que o pensamento só lê:

Soletra-o o pensamento,
Porque além do sentimento
Conquista a cr'oa real,
E cada sec'lo passando
Vai um trofeu tributando
Ao seu brasão divinal.

II.

D'um lado a velha Pompéa,
D'entre a cinza que a rodeia
Parece quer desertar;
E dos abysmos profundos
Vir de novo a novos mundos
Novas leis de novo dar.

A mente se me fascina!....
Das orlas da Palestina
Lusente um facho se ergueu!
Renasceu de Deus o filho...
Nasce o sol d'immenso brilho,
Sol do sol, que a luz nos deu!
Lá vejo a dextra deicida,
Que na infamia alarga a vida
Que no inferno troca o ceu.

Ante o crime o Christo é morto,
Baqueia... e o mundo absorto
Nova vida então viveu;
Por throno — dão-lhe o calvario...
E após se rasga o sudario
Em que um pai nos involveu.

De chuva a terra se alaga,
Do fogo o brilho se apaga,
Traja lucto a terra, e o mar!
E os raios são — tocha lugubre,
E a procella — o canto funebre,
Toda a terra immenso altar!

III.

Aqui só... tenho momentos,
Que ou morrem meus pensamentos,
Ou vivem d'outro viver;
Vejo então da crença a palma,
Mas vejo-a c'os olhos d'alma
Como nunca a soube vêr!

Do orgam... lembra-me o canto,
E sinto no hymno santo,
Cada nota dizer... — Deus!
E — Deus — repetem os ares...
Do ecco são os cantares,
Em honra do rei dos ceus!

Escuto em mim, e á consciencia
Profeta da providencia
Ouvi — Deus — dizer tambem!
E a coroa dos martyrios
Na c'roa de brancos lyrios
Me troca o anjo do bem!

IV.

Na solidão surge a prece
Que nunca a terra-se esquece
De elevar aos pés de Deus!
Do scepticismo o sudario
Se rasga alli.—Solitario
O pensar é só dos ceus.

Quem alli não será crente?
Quem aos pés alli rev'rente
Não calca o genio do mal?
Quem não sente a nobre palma
Do sentir, e as crenças d'alma,
Pelas crenças, immortal?

Por ellas se alenta o poeta,
Por ellas a mente inquieta
Se abrasa d'inspirações;
Por ellas o Tasso e o Dante
Ergueram seu vôo gigante;
Por ellas viveu Camões!

Quem não crê, não vive—A crença
É a luz da luz immensa
Que do ceu á terra vem:
Que o sceptico é sem conforto;
Cadaver que vive morto,
Que por campa o mundo tem!
....
....

Mas as campinas e os mares
Mandam em magos cantares
Ao Eterno, eterno amor.
E o ceu d'estrellas thesouro,
Tem cravado em letras d'ouro
Mil hossannas ao Senhor

V.

Dize, soidão, por ventura
Cantam anjos teu rumor?
São preces, que a creatura
Leva aos pés do Creador?
Da virge' é canto que brilha

Rogando a Deus como filha,
Rogando após como mãe?
Ou são dos mortos as trovas
Offertando aos homens provas
Que ha vida da vida além?

Que será? Não sei. Qu'importa
Se a sciencia mata a fé?
Se uma esp'rança me conforta
E a crença da esp'rança ao pé,
Se a terra é valle infinito
Onde o cadaver proscripto,
Tanta dor tem de sentir,
Já no ceu vejo a guarida
Desse viver d'outra vida
Sem velar... mas sem dormir.

VI.

Solidão, por ti vem tudo
Nas cordas d'alma vibrar;
O cynismo aqui é mudo,
Que vem Deus aqui fallar.

Sobre a terra mil caricias
Podem á terra prender,
Que a vida encontra as delicias
Dos affectos da mulher.

Que da gloria e da amisade
Fallam mil e mil troféus;
Onde luz á sociedade
Sobre a terra a luz dos céus.

Mas quando tudo morresse,
Quando no mundo perdesse
Tanta crença que inda luz;
Então—minha alma projecta
Levar a c'rôa de poeta
E morrer aos pés da cruz.

Coimbra, 15 de Dezembro de 1854.

F. SOARES-FRANCO JUNIOR.

NÃO TE ESQUEÇAS....

Não, não te esqueças d'aquelles dias
Que amor tão puro veiu dourar,
São passageiras as alegrias,
Mas a memoria fal-as durar.
De maior dita se já são findas
As esperanças,
Sejais, ao menos, sempre bem vindas
Gratas lembranças!

Bem sei que d'essa felicidade
Que em lindos sonhos sonhada foi,
Existir pode só a saudade,
Que affaga ás vezes, e ás vezes dóe.
Mas se consentes que hoje te peça
Final favor,
É que tua alma nunca se esqueça
Do nosso amor.

Seria crime, querida amiga,
Ter esperado melhor porvir?
Tais dias queres que eu os maldiga?
Hei-de-os da mente longe expellir?
Não! nosso affecto nunca em minh'alma
Ha-de pesar;
Sentirei sempre serena calma
Quando o lembrar.

Longinquas terras, climas ignotos
Embora o fado me faça ver;
Em toda a parte serão meus votos
Que haja só flores em teu viver.
Hei-de no ermo gemer profundo
Da viuvez,
E amar o mundo, só porque o mundo
Feliz te fez.

Vê como fulgem milhões de estrellas;
Do ceu é triste mas bella a cor:
Assim outr'ora mil visões bellas
Sorriam d'antes no nosso amor.
Lá surge a lua—já o ceu menos
Astros contém,
Mas puros raios, e mais serenos
Da lua vem.

Choras, amiga! mas o teu pranto
Corre sereno, como o luar.
Tua alma é pura. Findou o encanto
Do nosso lindo mas vão sonhar.
Se é impossivel felicidade
Mais bella ter,
As nossas almas inda a amizade
Póde prender.

Coimbra, 25 de Julho de 1854.

J. S. DA SILVA FERRAZ.

Á EXM.ª SR.ª BARONEZA DE BEDUIDO

PELA MORTE DE SUA FILHA.

Tambem tu, anjo innocente,
Foges do mundo, de mim?
Ou por Deus p'ra lá chamada
Foste, ó anjo?—foi assim?
Foi—que o ceu bem vi rasgar-se,
De negras nuvens limpar-se,
E nas aguas retratar-se
A fórma d'um cherubim.

Vi-te a alma tão singello,
Candida pomba do ceu,
Ir depor aos pés dos anjos
Das virtudes teu trofeu.
E quando pó e mais nada
Eras aqui—vi-te ornada
D'uma c'roa abrilhantada
Que a mão do Senhor te deu.

Vi aqui o soffrimento
Esmagar-te o coração,
Pobre mãe, que viu nascer-te,
Pedir-te a Deus—mas em vão.
Vi-lhe as mãos ao ceu erguidas,
Lividas faces pendidas,
Tantas noutes—ai! perdidas,
Sempre em fervente oração!

Quem a viu que não chorasse?
Quem a viu como eu a vi?
Quem bradar, «ó mãe, não chores»
Poude ouvir-lhe qual lhe ouvi;
Quem a viu aos mil abraços
Da pobre mãe entre os braços?
E depois... a poucos passos
—Vem a morte, acaba alli!

Meu pobre singello canto
Quero-t'o, anjo, offertar,
Chorarei por ti sosinho
Aqui longe ao pé do mar;
Eu verei aqui se afino,
Ao rouco dobre do sino,
De saudades mais um hymno,
Que tudo te quero dar.

No árido chão da campa
Onde o teu corpo jazer,
As saudades do passado
Quero ahi vel-as crescer;
Quero eu mesmo ir lá plantal-as,
Com meu pranto irei regal-as,
E depois ouvir-lhe as fallas,
Pobres fallas do morrer!

Rosa loucã tão formosa
A morte ceifou-te emfim.
Diz-me pois, ao ceu subindo
Vais chamar de lá por mim?
Por quem por ti soffreu tanto,
E chorando amargo pranto
Solta aqui singello canto,
Vais orar?—não é assim?

O mundo negou-me tudo
Quanto por ti d'elle espr'ava,
O mundo sorveu-me a vida
Em vulcão de ardente lava,
Tive sonhos de ventura,
Fui profeta d'amargura,
Meus sonhos de pouca dura,
Minh'alma de dor escrava.

Por que foges, innocente?
Por que foges tu de mim?
Foges acaso dos crimes
Que no mundo não tem fim?
Foges acaso, anjo qr'ido,
Deste mundo corrompido,
E ao martyrio que tens tido
Vais pôr um termo—é assim?

30 de Abril de 1852.

N. X. DE BRITTO.

AO CREPUSCULO.

AO MEU AMIGO

JOSE GOMES AROUCA.

(ESCRIPTA NO SEU ALBUM.)

L'amour c'est la vie.
VICTOR HUGO.

I.

Eu amo a tarde, quando as sombras tenues,
Que surgem lindas no horisonte em fogo,
Se agrupam todas ao clarão fantástico
Do rei dos astros, que lhes foge logo.

Simelham tristes mil fantasmas pallidos,
Que passam mudos sem um riso, um pranto,
Que trajam vestes d'escarlate vívido,
Com franjas d'ouro no cerúleo manto.

As nuvens leves se agglomeram rápidas,
E assumem ledas d'um colosso a fórma,
Que a branda aragem nas lufadas tépidas
Perfuma os ares, e a illusão transforma.

Chega o crepusc'lo—da visão sympáthica
Do quadro bello como o imperio é curto!
As trevas surgem—cede a luz já tímida,
Um raio apenas projectando a furto.

Eu amo a tarde, quando exhala os cánticos
De amor immenso a naturesa inteira,
E em ondas sobe a rescender balsamica,
Co' o incenso á brisa a eiciar fagueira.

Eu amo a tarde em que serena e placida,
Quando o silencio magestoso impera,
A alma repousa do luctar continuo
De paixões tantas co' a razão severa.

Eu amo, ó tarde—ler em ti mysterios
Infindos... vagos; mas que n'alma acceito,
Que novos mundos vens crear no espirito,
Que novas crenças infundir no peito!

E a turba passe, e te desprese, e sceptica
Prosiga embora no seu vão caminho.
Que, ó tarde, ao ver-te que vens triste e languida,
De amor fallar-te eu hei de vir sósinho.

E eu amo a tarde, quando exhala os canticos
De amor immenso a naturesa inteira,
E em ondas sobe a rescender balsamica
Co' incenso a brisa a ciciar fagueira.

II.

Não ha ternura da lua
Que fantastica fluctua
No sympathico pallor?
E na aragem que cicia
Não ha notas d'harmonia,
Accentos d'immenso amor?!!

Não ha por ventura o goso
N'um não-sei-quê mysterioso
D'uma vaga aspiração,
Que se sente, e não s'explica,
Que se dura, vivifica,
Que se cresce, é a paixão?!

Ha—existe—eu n'elle creio,
Vive-me n'alma e no seio,
Sinto-o nas veias estuar
Um fogo d'ignota chamma,
Que todo o sangue m'inflamma
Sem co' as chammas me abrasar.

Dentro em mim sinto a tendencia
P'ra fundir esta existencia
N'outra vida, n'outro ser,
Que foi um brado divino
Que me disse «o teu destino
A outro o deves prender»!..

Pois se é morte o isolamento,
Se arrefece o pensamento,
E se ás trevas nos conduz,
Não hei de buscar a vida?
Alentar a flor pendida,
Dando-lhe o vigor e a luz?!

Hei de sim—que do poeta
A missão só é completa
Se dos mil sonhos que houver
Vir aqui a realidade,
Que o sabio chama—verdade,
E que Deus chamou—mulher!

Eu quero o amor—os meus cantos
Serão nobres—e aos meus prantos
Prantos eu verei unir—
Perde a mágoa entre dous entes
As suas dores vehementes
O seu acerbo pungir!

E ama toda a naturesa,
Ha amor na singelesa
De cada modesta flor;
E na aragem que cicia
Não ha notas d'harmonia,
Accentos d'immenso amor?!

III.

Qu' importa ter sido amada
Uma virgem, anjo ou fada
Por mim com tanta paixão?
E essa fada, esse anjo ou virgem
Sob um veu de singelesa
Esconder tanta friesa,
Trazer occulta a trâição?
Qu' importa se na vertigem
Do meu amor—n'um sorriso
A imagem do paraiso
Tenteu saber-me fingir?
Qu' importa ter-me ella dito
Que medira o infinito
Por seu amor—e mentir?!

Qu' importa, se a alma de gelo
Não pode affectos sentir?!
Perdi-a—partiu-se o elo
Porque era falsa a innocencia;
Ficou-me a esp'rança querida
E tive fé n'outro amor.
É tão variavel a vida!...
E nos jardins da existencia
Encontra-se tanta flor!....

Busco o amor vertiginoso
Que venha casar-se ao meu,
Que no amor eu quero o goso,
E no goso.... eu quero o céu.
Quero turbar o repouso
D'este viver—ha affectos
Com que outros folgam contentes,
E nunca ninguem m'os deu!
Anhelo-os assim—completos;
Sejam embora pungentes
As mágoas que juntas vão,
Embora venham a furto
Do praser breves momentos,
E haja em troca longos... lentos
Tristes dias d'afflicção...
Bem sei que o gosar é curto;
Mas se pode co' a ventura,
Que o anima, e que o afffaga,
Com as dores da amargura
Tambem pode o coração.
E eu quero o amor qu'embriaga,
Nem m'importa ver perdida
A fé do primeiro amor,
Porque nos jardins da vida
Existe mais d'uma flor!

IV.

Da tarde eu amo no remanso tétrico
Deixar as turbas no seu vão caminho,
E á tarde amiga, que vem triste e languida,
De amor mil fallas ir fallar sósinho.

ERNESTO MARECOS.

VI-TE.

I.

Na mansão da penitencia,
Oravas junto a Jesus;
Tudo bradava clemencia
Orgam, templo, incenso e cruz.

Pelas arcadas sombrias
Formam solemne oração
Em augustas harmonias
Santos hymnos de Sião!

Ajoelhei, e em vez de cantos
De santa ardencia e d'amor
Represos deixei meus prantos,
E nelles meu santo ardor.

Prantos, sim, que são divinos
Nobres, sentidos, leais,
Do pobre os votos, e os hymnos
São pranto, lamento e ais.

E não orei,—ajoelhada
Eras mulher junto a mi,
Sobre a face macerada
Quiz lêr, olhei, mas não li.

O veneno?.. era escondido
Da face na pallidez!
Se não me houveras mentido,
Mentiras-me inda esta vez!

Vi-te assim a vez primeira
Prostrada junto do altar,
A mesma tez feiticeira,
O mesmo hypocrita olhar.

Ajoelhei, e em vez de [illegible]os
De santa ardencia e d'amor
Represos deixei meus prantos,
E nelles meu santo ardor.

II.

Vi-te, mulher; na jornada
Da vida por que te achei?
Se o amar-te era um destino?
Se o perder-te era uma lei?

Vi-te, mas ante meus olhos
Por que passaste, visão?
Se da alma que eu te offertava
Tu não mediste a extensão?

Se tu mentiste ao jurar-me
Um eterno amor . . . a mi . . .
Em troca do amor, da vida,
Que eu te houvera dado a ti?

Se pousando a mão de neve
Sobre a minha, olhaste os ceus,
E jurando—renegaste
Crenças, fé, amor e Deus?!

Vi-te, oravas no templo
Pallida e triste—pensei
Que eras um anjo, e o inferno
N'um teu sorriso encontrei!

Ai! mulher, porque mostraste
Tua face divinal
Ao poeta? Por que foste
Do pobre o genio do mal?

Que importa?! Quem ao martyrio
A fronte pode eximir?!
A sina que lhe é prescripta
Que louco tenta fugir?

Vi-te, mulher; na jornada
Da vida por que te achei?
Se o amar-te era um destino?
Se o perder-te era uma lei?

* *

MENTIRAS.

AO MEU AMIGO ERNESTO MARECOS.

« Laissez moi rêver seul au désert de mon être.

VICTOR HUGO.

I.

Poeta, da infancia teus sonhos tão bellos
Recorda, não queiras deixal-os morrer.
Jardins, labyrintos, palacios, castellos,
Amores, saudades, affectos singelos
Sonhaste, e de sonhos formaste o viver.

Do rio na margem um dia sentado
Viçosa florinha lá viste boiar;
Sorriste, innocente, do par encantado,
Lembrando que o rio á rosa abraçado
Entrasse triumfante nas ondas do mar.

Ao longe, mais longe os bosques, os prados,
Os cerros, as grutas tu viste florir;
Por entre a ramagem d'arbustos copados
Viste anjos em coros de flores toucados,
E nymfas, e fadas, passar e sorrir.

Á noite era tudo silencio! nos ares
Subtil, transparente a cúpula dos ceus;
Lá dentro o que viste?... festejos, cantares!
Os astros o que eram?... brandões dos altares
Que acendem os anjos em honra de Deus.

Poeta, que sonhos d'infancia tão bellos!...
Recorda-os—Não posso... deixal-os morrer.
Jardins, labyrintos, palacios, castellos,
Amores, saudades, affectos singellos
Sonhei... mas de sonhos quem pode viver?!

II.

Eu não posso, que a minh'alma
Cançou em busca da palma,
Que vira nos sonhos seus;
Buscou-a em vão n'este mundo,
E n'um delirio profundo
Foi orar aos pés de Deus:
Durante a prece singella
Nem scintillou uma estrella
Por entre as nuvens dos ceus.

Do livro da minha vida
Voltei a folha mentida
N'uma anciedade cruel;
Vi ali os mesmos quadros,
Mas negros, mas transformados
N'esse medonho painel:
Mundo, devo-te a desgraça,
Que do absyntho na taça
Molhaste o negro pincel.

O manso rio d'outr'ora
Já corre empolado agora...
E a florinha?... que vi eu!...
'Stava ali tão descuidada,
Sobre a margem debruçada
Vendo o rio, vendo o ceu;
E por um beijo insolente
Ha-de ir a rosa innocente
Sepultar-se no escarceu?!...

É mentira!... á formosura
Nunca lhe vale a candura
Do abysmo para a salvar.
O mundo ri da innocencia;
No seu livro sem clemencia
Escreve a rir, a zombar,
Leva a onda a flor ceifada
P'ra ser depois insultada...
'Té das areias do mar.

Jardins, e bosques, e prados
Sem folhas, nem flor, crestados,
Eil-os ahi sem verdor;
Ao longe o cerro negreja,

No mais alto o gelo alveja,
Traja o mundo luto e dor;
Por entre as balsas fechadas
Não passam anjos, nem fadas,
Cantando hymnos d'amor.

Como do pobre os andrajos,
Do bosque os vistosos trajos
Cairam rotos no chão.
Por baixo rojam serpentes
Suas escamas luzentes;
No antro ruge o leão.
Reina um concerto nefando:
Por côro — o vento silvando,
Por harpa — a voz do trovão.

Vós mentis, pompas e galas.
Guardai as mentidas fallas
Que não me enganais a mim,
Napoleão, o guerreiro,
Via já o mundo inteiro
Ajoelhado ante si:
A terra, creu-a pequena,
E foi ter em Santa Helena
Mundo, throno, campa, e fim!

E o homem nos seus amores
Que offerta á mulher mil dores,
Mil torturas infernais!
Que lhe arranca sem piedade
A coroa de virgindade
Entre agonias mortais!
E folga . . . e ri, que em seus beijos
Cevou lascivos desejos,
Queria a deshonra . . . não mais!

E a mulher, que eu julguei pura,
Toda innocencia e candura,
Um anjo no mundo . . . aqui
Que dá por orgulho um beijo,
E cora fingindo pejo
Ao mundo mentindo, e a si;
E ama por leviandade,
E atraiçoa por vaidade,
Por soberba chora, e ri!
. . . .

Nos meus sonhos d'outra edade
Votei á pura amisade
O melhor dos cantos meus;
Dera-lhe ainda o meu culto,
Se não crêra amargo insulto
Mentir á face dos ceus;
Que n'um osculo mentido
Por um discipulo vendido
Foi um mestre, um pai, um Deus!

Assim as rosas da vida,
Folha por folha caída,
Cobriam da terra o pó:
Tinha mentido a amisade,
Pedi á negra saudade
Esmola de pranto e dó....
Vi aos pés um abysmo aberto!
Em torno infindo deserto!
E eu!... indifferente e só!...

Ia a Deus erguer meus cantos,
Não achei preces, nem prantos,
Tive medo, tive horror.
Quiz ao ceu pedir clemencia,
Pois me não dava innocencia,
Me desse remorso, e dor...
Subira a nevoa entre as rochas,
E tinha apagado as tochas
D'esse festim do Senhor!...

III.

E os annos passam, e pergunto aos annos
Dos desenganos, que me falta a mim?
E a vida foge, o soffrer vai junto,
E a mim pergunto que me resta emfim?...

Cantei da lyra ao lutuoso accento
Meu soffrimento, minha negra dor;
Quem pode alegre ter a vóz sentida,
Se a pobre vida lhe murchar em flor?

Sonhei que o mundo ao ouvir meu canto
Daria um pranto por o que eu soffri.
Surgi alegre d'encontrar bonança,
Tive inda esperança, e ante vós corri.

Mas como? . . . ouviste cruel soffrimento,
Vês meu tormento sem tristeza e dó!
Mal hajas, mundo, se não tens piedade,
Despe a vaidade por um pranto só!

Não pede gloria quem deseja prantos,
Não são meus cantos divinais canções;
E a gloria . . . é sonho, podeis dar-me as provas,
Sabeis as trovas que vos deu Camões?

Pobre poeta, que no teu delirio
Crêste o martyrio pranteado aqui,
Olha . . . um sorriso cada rosto exprime:
Pergunta ao crime o que será de ti?!
. . . .

IV.

Perdão! é justa a ironia,
Quantas vezes na poesia
Mente o encanto d'harmonia,
Cante ou chore o trovador?! . . .
Tem por bandeira a mentira
Mente se geme, ou suspira,
Vende os cantos, vende a lyra,
Alma, crença, patria, amor!

Poeta, invocaste o crime;
Mas esse brado sublime,
Se a vingança, ou a dor exprime,
Quem pode crel-o? . . . ninguem!
Se foi loucura, ou vaidade,
Se foi mentira, ou verdade . . .
Mesquinhez da humanidade . . .
Nem elle o sabe tambem . . .

Assim morreram meus sonhos!
Estes dias são medonhos,
E d'instantes mais risonhos
Longe a esp'rança me reluz,
Só terei na vida inteira,
Como esp'rança derradeira,
Por sustento e por bandeira
N'este mundo o fel e a cruz.

Coimbra—1854.

T. A. RIBEIRO.

VERDADES.

AO MEU AMIGO T. A. RIBEIRO.

L'esquif cherche un môle,
L'abeille un vieux saule,
La boussole un pôle,
Moi la vérité!
VICTOR HUGO.

I.

Quem sonha não vive—quem deixa emballar-se
Nos sonhos formosos què á mente lhe vem;
E em ledas mentiras deseja engolfar-se,
Dos sonhos que sonha não quer despertar-se,
Não vive, que a vida nos sonhos não tem.

Quem sonha dormindo, quem sonha acordado
Nos sonhos vai longe do mundo real,
Um vôo desprende seu espirito ousado,
E paira nos labios d'um ente adorado,
Nas folhas das rosas de grato rosal,

Nos eccos ingentes da tuba da gloria,
Nos raios ardentes da vívida luz,
Nas paginas santas do livro da historia,
No estrepito immenso dos sons da victoria,
Em tudo que é bello, captiva, e seduz.

Eu penso que é louco quem jura que existe
No mundo a mentira, e jurando-o não crê;
Existe a verdade—a verdade é tão triste!...
Cada homem despresa o fanal, que lhe assiste,
E os olhos cerrando, e sonhando... não vê.

Acorda mais tarde, nos sonhos não via
Reinando a traição e a vileza de pé,
E clama nos transes d'intensa agonia,
«Mal hajas, ó mundo, que esmagas n'um dia
Um nobre passado de crenças, e fé!»

A dor que o lanceia lhe vem sobranceira,
A palma lhe offerta de acerbo soffrer,
E soffre—perdeu-se da luz verdadeira,
Cedeu descuidoso a completa cegueira,
Não vive quem sonha—não vê, que não quer.

Mas bradam: « n'um sonho a illusão é infinda,
Visões seductoras vem n'alma brincar.»
Que mentem... que importa! a mentira é bem linda...
E o sonho se acaso não morre, não finda,
Eu antes quisera viver a sonhar.

II.

Ide ao baile—vêde a festa;
O ruido vos attesta
Ser a festa de encantar;
Cega a viva luz dos lumes,
Vem das flores os perfumes
Docemente embriagar.
Vêde alcatifas custosas,
Olhai as galas pomposas,
Olhai a festa, pasmai!
E ás turbas, que doudas passam,
Que pelas salas se enlaçam,
Vós tambem vos enlaçai.

Quem á festa não viria?!
Que torrentes de harmonia
Em magicas vibrações!
Como vai lasciva a dança!
Como a walsa abate e cança.
Nas vagas ondulações!
Cada rainha da sala
N'um só sorriso avassala
Quem sorril-a corre a ver.
De quanto amor em primicias
Se não sonham as delicias,
Que em sorrisos se vão ler!..

Vêde—as faces coloridas,
E levemente tingidas
De delicado rubor,
A alma, que se expande louca,
Meiga a fronte que se touca
De branca singela flor

D'essa dama — não excita
No peito que vos palpita
Toda a ardencia da paixão?
Dizei-lh'o — responde — ouvistes?
« Foram as festas bem tristes
Sendo mudo o coração »?

E n'um timido abandono
Se requebra no seu throno,
E vos falla do sentir,
Diz-vos que o amor dá vida,
Que uma paixão desabrida
Doura as horas do existir.
Fitais a visão divina,
E a mente se vos fascina
Que julga antever a luz,
Foi-se o baile, foi-se a dança,
Que só cuidais n'uma esp'rança
Que vos dão, que vos seduz.

Finda o sonho — o baile acaba,
Pedra por pedra desaba
O edificio, que formais.
Eis a mentira ridente
P'la verdade impertinente
Acerba e dura trocais.
Ás faces da vossa dama,
Que o rubor já não inflamma,
Vem morbida a pallidez;
Vêde os labios descorados,
Vêde os encantos fanados,
Vêde a baça cor da tez!

Aquella fronte serena,
Candida como a açucena,
Sulcando uma ruga vem,
Co'o sorriso insosso e frio,
Palavras que em desvario,
Lhe escutastes, dizem bem?
A masc'ra de cada rosto,
Cai no chão, e com desgosto
Rasgar vêdes cada véu,
Verdades que o mundo encerra —
Desce a alma de novo á terra,
Que da terra fora ao ceu!

Não sonheis, porque n'um sonho
Ha um prisma bem risonho,
Bem mentido — não sonheis;
Quanto soffre quem acorda
Olha, vê, e se recorda
Do sonho — bem o sabeis;
Pela verdade escudado,
Aceitai pois resignado
O pouco que a terra der.
Quem vai n'um baldado anhelo
O calor pedir ao gelo
Pedir amor á mulher.

III.

Purpurea rosa, que a hastea linda inclinas,
Desabrochaste só:
Nasces aos raios d'uma luz divina
E hasde tambem ser pó.

As meigas folhas, que rescendem bellas
O doce perfumar,
Ha de nas asas o tufão prendel-as,
E p'ra longe arrojar.

Verdade triste de illusões despida
Tua sina vem ler,
Assim o nada se succede á vida,
Negra morte ao viver.

IV.

Gloria, risonho fantasma,
Os loucos cahem-te aos pes,
E ás vezes a mente pasma
De ver, gloria, o nada que és,
E quantas almas fascinas,
Para involver nas ruinas
Imperios, homens, nações....
Á fé que te dão intensa
Offertas em recompensa
Tuas severas lições!

Quantas c'roas se quebraram
E quantos sceptros por ti,
Quantos genios te sonharam
E se perderam ahi!
Napoleão, o guerreiro,
Pensa já ao mundo inteiro
Dar do alto solio a lei;
Se era hontem rei do mundo,
Com sentimento profundo
É vassallo hoje de um rei!

Impera Cesar na Italia
Quer o diadema real,
Pompeo lhe cede em Pharsalia,
É Cesar sem um rival:
Cesar, Napoleão, no throno
Ereis já—eis que do somno
Vos acordam, e acordou,
Morreu um entre o senado;
Zomba do outro a mão do fado,
Desperta-o em Waterloo.

Nasce um robusto talento,
Vence em brilho aos Bernardins,
Vôa ingente o pensamento
Do impossivel aos confins.
Da patria que elle amou tanto
Lava a deshonra c' o pranto,
Exalta o nome em canções.
E em miseria se consome
Morre de sede e de fome,
E tem por nome Camões.

A Byron o derradeiro
Momento lá chega e vem
O fulgor d'esse luseiro
É já extincto tambem:
E que aurora lhe raiara,
Em que sonhos se engolfara,
Que a verdade dissipou,
E ao despedir-se da vida
Uma saudade sentida
Nem ao peito lhe assomou.

Vem fadado p'ra a grandeza,
Vem ao mundo Rafael,
E das mãos da natureza
Arranca o mago pincel;
Rei-artista na divina
Mente... sonha Fornarina,
E de uma auréola a cingiu;
Na tela o sonho desenha,
E uma vida se despenha,
E um destino se partiu.

Não sonheis, que o sonho veda
A ventura, e não a dá;
Não subais, que é triste a queda,
E quem sobe cahirá.
Ha de a verdade terrivel
Vir diser-vos impassivel
O que o mundo em si é;
E então abate deveras
Illusões, sonhos, quimeras,
Só ella fica de pé!

V.

Quem sonha não vive—pois bem, não sonhemos,
Embora rojemos a fronte no pó,
A luz que nos guia no sonho perdemos,
Verdades que existem no sonho esquecemos,
Que surgem mais tarde, implacaveis, sem dó.

Mas bradam, «n'um sonho a illusão é infinda,
Visões seductoras vem n'alma brincar»,
Que mentem... que importa! a mentira é bem linda...
Mas morre a mentira, e o bom sonho lá finda,
E a todos eu digo: «não queiram sonhar!»

ERNESTO MARECOS.

DESALENTO.

Nasci como uma planta solitaria
A que dá sombra a cruz da sepultura:
Que dá flores á lapide mortuaria,
Que presta ás auras a fagrancia pura.

Ouvi no berço o mar e amei-lhe os hymnos:
A voz que dos abysmos rebentava
Era a imagem de canticos divinos
Que os eccos de minha alma despertava.

E foi á beira-mar que d'entre flores
Surgiu essa visão nunca esquecida,
Concertando a coroa dos amores,
Cingida a outro e para mim tecida!

Foi á beira do mar—Então no seio
Batia o coração d'amor sedento;
E no ceu do futuro em vago enleio
Via amores e gloria o pensamento!

Bello era o mundo!—Abriam-se ao futuro
Cheios de luz os vastos horisontes;
E era doce dormir sob um ceu puro
Nos laranjais em flor, ouvindo as fontes.

Bello era o mundo!—Um sol puro e brilhante,
Flores, aromas, luz a cada passo!
O mar curvando as vagas sussurrantes,
E a fantasia a descerrar o espaço!

Então se triste despertava um dia,
Porque um anjo ao sepulchro me baixava,
Tinha outro anjo que alegre me dizia
«Espera e crê!»—E o pranto me enxugava.

Cri e esperei! A fé era commigo;
Orei a Deus—a prece foi singella:
Flores para esfolhal-as n'um jazigo,
Louros para os depor ás plantas d'ella!

Cri e esperei! — A prece não m'a ouviram;
Embora! a vida me era doçe ainda,
As coroas da gloria não se aspiram
Aos pés d'um anjo n'uma paz infinda.

Não! E a grinalda da primeira edade
Poucos espinhos me cravou na fronte;
A nuvem que gerou a tempestade
Não rebentava ainda no horizonte.

Rebentou!... E á vontade soberana
Bradei na ancia cruel do soffrimento
«É Deus o Deus que estorce a raça humana
N'esse equleo chamado sentimento?»

É que o homem que sente e que medita,
Que aspira á luz n'um anhelar profundo,
Dão-lhe trevas se a luz ardente fita,
E acha um vasto deserto em todo o mundo!

Aspira ás illuzões d'um vão delirio:
Procura amores, dão-lhe a dor immensa,
Procura c'roas, dão-lhe as do martyrio,
Procura um Deus e perde a ultima crença!

Succumbi! O martyrio era pesado
E eu queria esquecer. — Dias e dias
Busquei o esquecimento do passado
No rumor e nos brindes das orgias!

Suffoquei sentimento e intelligencia,
E a vida consumi n'um gozo impuro;
E nunca vi a mão da providencia
Gravar-me uma sentença sobre o muro!

Porem o esquecimento esse não veiu
Suffocar-me esta dor jámais perdida;
E sempre o fogo a devorar-me o seio!
E sempre o recordar d'uma outra vida!

Oh! é bello viver! — Se a vista erguemos
Achamos a ventura sempre ao lado!
Eia, amigos, gosemos e cantemos...
O leito d'um sepulchro é socegado!

Porto — Dezembro de 1854.

ALFREDO DE CARVALHO.

ROSA DE TRES FOLHAS.

AO MEU AMIGO M. MARTINS DE SANT'ANNA.

Linda rosa de tres folhas
E não mais,
Como te ostentas no prado
De tão viçosos rosais!
Porque a rosa, borboletas,
Engeitais!!

Porque as folhas tem singellas,
E só tres?!
Loucura! — que as menos folhas
Provam a mais candidez!
Se mais folhas, mais espinhos
Tem talvez!

Nas tres folhas — tres palavras
Soletrei,
Palavras que tanto digam
E tão juntas nunca achei!
Borboletas, q'reis ouvil-as?
Dil-as-hei!

Essa folha requebrada
Diz — amor —
As outras — vedes? aquellas....
Fallam de pena, e de dor,
Da primeira quem me dera
Ser cantor!

Ás outras folhas — a folha
Se casou;
Casada foge-lhe a vida,
E perde a cor — desmaiou!
Pendente — enrosca-se...., e murcha...
E murchou!

Reviver?! ai! não revive! —
Não sabeis?!
Mas se fôra uma das outras
Por ella terieis — seis! —
Sobre a rosa, borboletas,
Não pouseis!

ERNESTO MARECOS.

A NOUTE DO BAILE.

I.

Começava o baile apenas,
Mulher, ou não sei que eu vi
Tão formosa, e bem trajada,
Tão linda! — que enlouqueci.
Não se escreve o que se sente,
Se alguem sente o que eu senti.

A dama qu' eu mal conheço
Que virá fazer aqui?

Mal se apeia, chego a ella,
Dos hombros vou-lhe tirar
Negro talma, que lh'encobre
O lindo seio a arquejar,
Braceletes e pulceiras,
Do collo o lindo collar.

E o sino tocou tres vezes;
Bem mais devera tocar!

Nem mais penso, vou pedir-lhe
De vir comigo dançar:
« Tenho pena, mas não posso,
« Cavalheiro, tenho par:
« Mas pr'a outra inda não tenho,
« Podeis-me então vir buscar. »

Jámais boca fallou tanto
Em breve e pouco fallar!

Vou vêl-a, dançava airosa,
Como eu nem posso contar,
Descuidada, priguiçosa,
Com quem dançava a fallar,
Mas d'estas fallas que arrancam
O dever de conversar;

Acabou-se a contradança,
Foi-se a dama ao seu logar.

E de novo, eis já na salla
Festiva orchestra a tocar;
Olhos mil vagando incertos
Sem rumo em torno a girar.
Fui então, passo convulso,
Fui da dama ao seu logar

Julgo é esta a contradança,
Em que sois, que sois meu par?!

E braço o braço tomava
Da donzella sem fallar,
Passo e passo, e a cada passo
Ía-me o braço a apertar,
E o peito nú cor de neve
No meu braço a palpitar.

II.

De certo a historia, não conto,
Sem a dama retratar;
Seja o retrato imperfeito,
Tem feições, que hão de agradar.
É de crer que a formosura
Vá do anjo atraiçoar,
Mas sabeis que não se podem
Feições d'anjo bem pintar.

III.

Uns olhos negros tão lindos
Que mais lindos nunca os vi,
Olhos grandes, tão rasgados,
Em que os meus eu via ali,
Foi a feição do retrato
Por que mais enlouqueci!

Morbidos, languidos, tristes,
Reflectem em baixo a cor
Em negros sulcos que dizem
Mais que fallas; tanto amor!
Signais que as filhas de Roma
Sobre as faces teem á flor.

E na walsa, ali mais bella,
Voluptuosa a delirar,
Do cabello as tranças negras
No meu hombro a descançar.
Andei com ella tão junto
Que não sei se foi dançar!

Lindo pé, não lh'o deixava
Quasi no chão assentar,
Que a cintura delicada
Eu lh'ia tanto a apertar,
Que a dança quasi dançada
Foi pela dama no ar.

E aqui, ali agrupados
Cavalheiros a gosar;
No rodomoinho da walsa
Branca saia a despontar,
Sobre o negro de uma bota
De setim a contrastar.

Parámos — parei com ella;
Era então linda sem par,
E gostei mais que dos olhos
Do seu peito a tanto arfar,
Tanto e tanto... qu' impossivel
Fôra á dama de fallar.

« Oh! diz-me, virgem formosa,
« Queres ir pr'a o teu logar? »
E nos olhos soletrei-lhe
O que é facil soletrar
N'uns olhos, que n'outros olhos
Já começam a parar.
Diziam — sim: mas tu has-de
Junto a mim vir-te sentar.

« Quisera, bom cavalheiro,
« Ir primeiro passear,
« Tenho medo de tão cedo,
« Já tão cedo ir-me sentar. »
— « Pois bem, rainha do baile,
« Eu te vou acompanhar. »

IV.

Oh! que vida rescendia
N'esta noute no salão!
Um olhar não se perdia,
Dos das virgens que alli estão;
Se algum só amor dizia,
Muitos diriam—traição.

O que os olhos já disseram
Affirmam labios então,
Em segredos que se trocam
Fingidos do coração;
Ai! que vida rescendia
N'esta noute no salão!

V.

Por entre a turba perpassei com ella,
Labios mudos por tanto amor sentir,
Mas bem eu q' ria da modestia propria,
Que tem quem ama, o coração despir.

VI.

E até que nós já sentados
Da noute quasi no fim
Perguntei-lhe vagamente:
«Dizes não, ou dizes sim?»

«Digo o mesmo que dísseres,
«Que me disseres a mim.»
. . . .

«Não sei por que, tenho medo,
«Anjo de ceu, serafim,
«De te dizer a pergunta
«A que tu disseste,—sim—
«Diz-me tu, diz tu primeiro
«A pergunta feita a mim.

«Pode ser que um ceu me abrisses,
«Um campo de amor sem fim,
«Mas quem sabe se um inferno

«Tu me deste em troco a mim?
«Oh! diz-me por caridade
«A pergunta do meu sim.

«Não queres, pois bem, eu digo,
«Linda flor d'outro jardim,
«Essa pergunta innocente,
«A que tu disseste—sim;
«Eu perguntei-te em segredo
«Se tu gostavas de mim?»

VII.

Nivea mão, que descançava
Sobre a minha, eu lh'a beijei;
A resposta já sabida
Da donzella, não 'sperei:
Era imperio de rainha
Ao pé d'imperio de rei.

Um beijo mais imprimilh'o
No lindo peito ao desdem,
Sobre um sofá recostados
Nós sósinhos mais ninguem,
Em salla que a luz que brilha
D'outra salla é luz que vem.

E mais e mais desfallece
A donzella, e perde a cor;—
Que mulher não perde o tino
Perto de um beijo de amor?
Fragrancia e viço que tinha
N'um momento perde a flor!
....
....
....
....

VIII.

Prometto o segredo guardal-o não todo,
Que em parte a historia do baile contei;
O nome não digo, se alguem m'o pergunta:
«Bem sabes, meu anjo, qu'eu digo—não sei.»
* * * 5 de * * * de 18 * *

N. X. DE BRITTO.

UM SONHO.

... mentem ... que importa! a mentira é bem linda ..
E o sonho se acaso não morre, não finda,
Eu antes quisera viver a sonhar.

ERNESTO MARECOS.

Meia noite!
Toda nua
Brilha a lua
No Mondego;
E eu gosava
Sobre a margem
Doce aragem
Com socego.

Mansamente
Sobre o rio
Barco esguio
Se deslisa;
Chega — e a areia
Virgem bella,
Qual estrella,
Subtil pisa.

Corre aéria,
Graciosa,
Pressurosa
P'ra meu lado:
Fugir quero
Dos abraços
Em seus braços
Apertado.

Cedo á força
D'essa breve
Mão de neve,
Cor do manto.
Era bella!
No sorriso
Seu — diviso
Mago encanto.

Quem recusa
Por mais pejo
Um só beijo
De donzella?
Em seus braços,
Sobre a relva,
Junto á selva,
Só com ella?!

Não recuso,
—Serei louco?—
Sou tão pouco
Venturoso!...
Oh! quem foge
Do oásis perto
No deserto
Sequioso?!

De ventura
Tão sedento
Em vão tento
Libertar-me.
Fascinado...
Volvo o passo,
Aureo laço
Vai ligar-me...
....

N'isto o rio
'Traz recúa,
Cobre a lua
Nuve'escura;
Mocho infesto
Solta aflicto
Triste grito
Da espessura.

E voz lenta,
Magoada,
Falla irada
Sólta ao vento:
E na brisa
Vem defronte
D'esse monte
Triste accento:

«Desgraçado,
«Não, não creias
«Das sereias
«Na candura!
«Foge, foge
«Das mulheres,
«Se não queres
«A amargura!

«Queima a boca
«Rubra e bella
«Da donzella
«Mais mimosa;
«Finge, e mente
«Nos carinhos;
«Tem espinhos
«Toda a rosa.»

Ouço:—e idosa,
Negra fronte
No horisonte
Se retrata;
Longas barbas
Traz pendentes,
Tão lusentes
Como a prata.

N'essas rugas,
Quando as fito,
Vejo escripto:
«Desenganos!»
Era a imagem
Do passado,
Recurvado
Pelos annos.

De repente...
Ólho...tudo
Triste e mudo
Me cercava:
Visões fogem,
E eu de um sonho
Tão risonho
Despertava.

Fevereiro de 1855.

C. S. VASCONCELLOS.

UMA HORA DE RECORDAÇÃO.

AO MEU AMIGO GUILHERMINO AUGUSTO DE BARROS.

> . . . moi je suis semblable á la feuille flétrie,
> Emportez-moi, comme elle, orageux aquillons!
>
> LAMARTINE—*Meditations.*

I.

Vês alem, n'aquelle monte,
Tão sósinha aquella cruz?
Vês perto d'ella uma fonte,
Que beija os pés a Jesus?
Vês mais alem as campinas,
Recamadas de boninas,
De tão singelo verdor?
Inda ouves o bramido
Já mal destincto, e perdido,
Do mar que ruge em furor?

Em tudo leio saudades
D'um amor, que me fugiu;
Só negras duras maldades
Da mulher, que me trahiu.
Poeta, se por um pouco
Tu queres ouvir ao louco
Loucuras do coração,
Não enxugues o teu pranto,
Deixa correl-o—he tão santo
Vertido por compaixão! . . .

Mancebo lá n'outras éras
Das paixões no turbilhão
Só tinha crenças sinceras
Cá dentro do coração.
Em breve prostituidas,
Vi minhas crenças perdidas,
Vi um abysmo ante mi;
Fiz do p'rigo stulto alarde,
Quiz parar—era já tarde,
Quiz sustentar-me—e cahi.

Estas rugas tão profundas,
Que as faces sulcado tem,
São filhas de dores fundas,
Dos muitos annos não vem;
São filhas d'um alto crime,
Tributo de tenro vime,
Que se dobra c'o tufão.
Ouve—escuta o meu pecado,
Vê, se com prantos regado,
De Deus póde haver perdão.

Vi-a—amei-a—era tão bella,
Que nunca com mais fulgor,
Brilhou no céu uma estrella
Junto ao throno do Senhor!
Por seus affectos perdido,
Por seus sorrisos prendido,
Sorri á sorte—exultei;
Quiz votar-lhe um pensamento,
Alma, vida, o sentimento
Todo inteiro lhe votei

Deu-me sorrisos—amei-a,
Como nunca amei ninguem;
Depois trahiu-me, matei-a,
Soube vingar-me tambem:
Seus risos eram sarcasticos,
Seus affectos só phantasticos,
De marmore o peito seu.
Seu juramento trahido,
Seu protesto fementido
Á flor dos labios morreu.

Poeta, se já sentiste
O que val uma paixão,
Diz-me ao menos que não viste
Tão torpe engano, pois não?
Se já tiveste uma crença,
Se assim pagaste uma offensa,
Se já soffreste igual dor,
Em morrendo arranca lyrios
Do jardim dos meus martyrios,
Vai-m'os na campa depor.

II.

Mulher, entornaste com frase mentida
No calix da vida veneno mortal;
Eu cria-te um anjo do ceu, enganado,
Bebi descuidado na taça fatal.

Bebi-o—traguei-o da taça fulgente
N'um sonho innocente d'amor e prazer,
Depois despertado contei os carinhos,
Por c'roas d'espinhos d'amargo soffrer.

Bebi este nectar tão doce, que o mundo
Em coro profundo bradou-me:—illusão!—
Esp'ranças fugíram—só restam tormentos,
Contrictos lamentos d'extincta paixão.
Fevereiro de 1855.

A. VICTORINO DA MOTTA.

NO ALBUM

DA EX.ma SR.a D. M. C. NAZARETH.

Eu quisera n'esta folha,
Na folha branca de neve
Singelo canto e o meu nome
Ir traçar co'a debil mão.
Um receio me consome—
Quem me diz a mim se a penna
Mancha a folha e não escreve?
E se o poeta se condemna
Ao fugir-lhe a inspiração,
E desprende um canto breve
Sem encantos, sem magia,
Triste—frio. . . . sem que o anime
Uma nota d'harmonia,
Um só raio de paixão?. . .
Fôra mais que um erro—um crime!
Ir um hymno sem cadencia,
Sem luz, sem amor, sem vida,
Offertar-te . . . eu não o devo;
E o socego da consciencia
O remanso—a quietação

A minha alma ha tanto anhela!
Que escrever? . . . eu não escrevo
Neste teu livro, donzella,
Não posso—não!

Depois . . . eu tenho soffrido . . .
Mas tanto . . . mas tantas dores . . .
E o fructo dos meus amores
Foi, virgem, tão amargoso! . . .
E comprei tão caro um goso,
Que gozei—e inda me vão
Tão profundas essas f'ridas
Que este peito me hão rasgado
Na luta d'uma paixão;
E levo já tão perdidas
As illusões do passado! . . .
E foi tão intenso o gelo,
Que veiu assentar-se frio
Sobre as ruinas d'um vulcão,
Que houve em mim! . . e o desvario
Com que eu buscava um anhelo
Da minha alma—e a aspiração
Para outra alma, acabou cedo . . .
Mas tanto . . . que eu tenho medo
De dizer-te quanto sinto.—
É facil do labio impuro
Resaltar descrida frase,
Que á desesp'rança se case
Em que vivo—e va roubar-te
A paz do teu coração!
E posso sem q'rer manchar-te
O cristal limpido e puro
Da tua maga existencia;
E eu bem vejo que o não devo—
E o socego da consciencia,
O remanso, a quietação,
A minha alma ha tanto anhela!
Que escrever? . . . eu não escrevo
Neste teu livro, donzella,
Não posso—não!

Como o homem se desmente!
Pois não fui tão imprudente
Que tracei co'a debil mão
Um canto meu—e o meu nome
Na folha deste teu livro!

E o receio, que consome,
Que eu dissera, tanto opprime...
E o socego da consciencia,
Que a minha alma ha tanto anhela...
Que eu invocara—onde estão?!
Cometti talvez um crime—
Foi erro da intelligencia,
Valha-me ao menos, donzella,
O teu perdão.

ERNESTO MARECOS.

ESPERANÇAS.

Acorda, Portugal, surge desperto,
Roja em terra potente os teus pesares,
Curva os filhos d'Alláh pelo deserto,
E leva a cruz de Christo alem dos mares.

Ai! pobre patria minha, já viveste!
O mundo folga e ri do teu presente;
Se as hóstes agarenas tu rompeste,
Acerba dor sem fim te curva a frente.

Turbantes mauritanos são rasgados
Pela adaga lusente dos teus filhos;
Mas seculos a seculos juntados
Nos abysmos fundiram já teus brilhos.

Levantae-vos, monarchas portuguezes,
As campas arrombae, ide á batalha,
A nossos peitos dae velhos arnezes,
E do olvido rasgae ferrea mortalha.

O pendão de Jesus alevantado
Em throno de cadav'res mauritanos
Foi teu brasão outrora; hoje cançado
Naufragaste no mar de largos damnos.

A sombra dos heroes fendendo os ares
De noute vem bradar-nos—liberdade!—
—Escravos!—repercutem terra e mares,
—Escravos!—diz tambem funda saudade.

Viste em Cannas tremer soberba Roma
Dos teus passos de ferro já troando,
Qual soberbo leão que abate a comma
Ante o raio fugáz tudo prostrando.

Um sceptro sem poder, terra sem gloria
Vassalos sem valor, pendão prostrado,
É nosso vil presente: e só memoria
Nos resta de mil sonhos do passado.

Da victoria cantaste a c'roa erguida,
Quebra a lousa, Camões, ouve meus prantos,
O nosso nada canta, dá-nos vida,
Oh! dá-nos vida ao-menos em teus cantos.

Porem não, vai nova aurora
No ceu da patria luzir,
Se foi cadaver outr'ora
Vai ante a vida surgir,
E calcando a sepultura
Trajar ferrenha armadura,
Erguer soberbo a cerviz;
Dos sabios impunha a penna,
E mil batalhas ordena
A vóz do Mestre d'Aviz.

É novo rei, que de novo
Vem a patria alevantar;
Semeia esp'ranças o povo,
Que o rei faz desabroxar:
De louros o cinge a fama,
Dos heroes a vóz o chama,
É Deus que a patria bemdiz:
E do poéta a vóz bemdita,
É tróva sancta, infinita,
Que só verdades prediz.

Se o passado é nobre sonho
Não é mais que recordar!
Que o provir seja risonho,
Não vivamos de sonhar.
Quando as nações adormecem
Nunca seus filhos s'esquecem
Que a tal somno darão fim;
Portugal ora prostrado,
Será por ti despertado,
Tornado egregio por ti.

Que não possa nossos louros
Mão do tempo emurchecer!
Da nossa fama os vindouros
Possam altivos viver:
Que val hoje um reino ousado
Se amanhã tem de curvado
Em ruinas desabar?!
Se não tens eterno brilho,
D'Herculanum segue o trilho,
Vai-lhe a campa disputar.

Das nações do velho mundo
O destino antes soffrer,
E somno eterno, e profundo
No sepulchro adormecer;
Venha a sorte de Carthago,
Morre de sangue n'um lago,
Não has de, patria, vergar!
Das nações fomos primeira;
Naufragou nossa bandeira
De tantas glorias no mar?

O rico imperio Ottomano,
Que a Russia altiva offendeu,
Ergueu valor mais que humano,
Não vacilou, nem tremeu;
A vida quer co'a victoria,
Ou quer a morte com gloria,
Que mil victorias contem,
Forças levanta infinitas,
Defende Alláh nas mesquitas,
As odaliscas no harem.

Por terra se curva a terra
Ante Roma a combater:
Foi na paz e foi na guerra
Que soubeste, Roma, ser;
Eleva-te á immensidade
Sancta vóz da liberdade
Pelos labios do Catão!
Elevam-te alli brilhantes
As almas nobres, gigantes,
D'um Virgilio, um Scipião.

Tambem outrora podémos
Victorias altas contar,
Quando a cruz potente erguemos
Nos dominios d'alem mar:
Mas d'Alcácer nas areias,
O sangue pára nas veias,
Surge um somno sepulchral,
Mas que não bradem ousadas,
As nações ás gargalhadas:
«És covarde Portugal!»

Que uma cadeia infinita
De victorias no porvir
Nos seja gloria bemdicta
Sem parar, nem succumbir;
Que sempre, sempre os vindouros,
Vão lançar virentes louros
Da patria sobre o altar,
Que por teu valor ingente,
A patria possa potente
Novos mundos conquistar.

E depois, não pode a morte
Conculcar nossos tropheus,
Que a sorte deu-nos por sorte,
Ter acima apenas Deus.
Sceptros e c'roas juntando,
Por ti vamos conquistando
Novo solio portuguez;
E da gloria a nossa herança
Será quanto a mente alcança,
Quanto ninguem nunca fez.

Ingente, guerreira tropa
Seu nome deixe immortal,
E entre os brasões da Europa
Refulja mais Portugal:
E que nasçam novos poetas
Inspirados, quaes prophetas,
Que as letras possam erguer;
E da liberdade o hymno
Seja o cantico divino
Que nos faça eternos ser.

Coimbra — Julho de 54.

F. SOARES FRANCO JUNIOR.

O PROMETTIDO É DEVIDO.

Tens a palavra empenhada,
Linda rosa, meu amor;
Agora... seja o que for,
Não te faças deslembrada.
Ao pé de mim assentada
Quando essa queixa te fiz,
Que foi que então respondeste?
Que foi que tu prometteste?
Vê se a memoria t'o diz.
Não brinques c' o sentimento,
Tem dó do meu coração;
N'um riso não murches, não,
Essa flor do pensamento,
Que ousou despontar então!
Foi promessa, foi, Maria;
Recorda o que eu te disia,
E o que disseste tambem:
Eramos ambos na salla,
Sosinhos, sem mais ninguem,
Ambos baixo conversando,
Ambos d'amor a fallar,
Mas ambos de quando em quando,
D'alli perto a receiar,
Mais n'um som erguendo a falla
Para outra salla enganar;
N'uma duvida eu teimava,
Porque amor faz duvidar;
Quasi então te injuriava,
Injuria que diz—amar,
Porque mais então te amava;
Não te lembras? dise, não,
O que tu disseste então,
Anjo do meu coração?
Não te lembras?—C'um sorriso,
Dos que só no paraiso

Os anjos sabem sorrir;
Teus olhos aos meus volvidos,
N'esse olhar tão confundidos,
Que no doce confundir
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste então, Maria?
Não tires o viço á flor
Já que foi desabrochada;
Tens a palavra empenhada,
Linda rosa, meu amor,
Embora fosse impensada;
Agora... seja o que for,
Não fique a esp'rança baldada!
Pois que dissesté?—olha bem,
Respondeste ao meu desejo.
Não n'o cuidaste, bem vejo,
Nem n'o ousava eu tambem;
Mas foi promessa d'um beijo,
Por mais que o queiras negar;
Eu na duvida a teimar,
E tu meiga a responder-me:
« Não hei de agora offender-me,
« Tudo teu me agrada a mim;
« Da tua bocca — disias,
Da minha bocca, não rias,
« Tudo, tudo hei de acceitar,
« Que tudo é bom, tudo quero.
Pois dise, não foi assim?
Agora, Maria, espero
Que tu não has de faltar;
Tens a palavra empenhada,
Embora fosse impensada,
Que, embora assim, essa flor,
Em tantos sonhos sonhada,
Tem mil delicias d'amor!
Não fique a esp'rança baldada,
Tu has de cumprir por fim;
Dise, pois, cumpres?.... depressa,
Dise, cumpres a promessa?
Que respondes? não ou sim?
Tudo, foi o que disseste,
E se *tudo* prometteste
Da minha bocca acceitar,
Deixa-te a bocca beijar;
Deixas? bem vês, n'esse — *tudo*
Entra um beijo, has de negar?...

N'esse beijo serei mudo,
Prometto, *então*, não fallar,
Por muito tempo, em mais nada.
Deixas, anjo?—o promettido
Tu bem sabes que é devido.
Agora . . . seja o que fôr,
Deixa colher-te a encantada
Dos labios mimosa flor,
Já que foi desabrochada
N'essa expressão descuidada,
Que assim mesmo foi penhòr,
Linda rosa, meu amor,
Tens a palavra empenhada.

Coimbra, 28 de Fevereiro de 1855.

J. DE LEMOS.

NO ALBUM

DA EX.^ma SR.^a D. M. C. C. E VASCONCELLOS.

Tu fais bien. Vois les cieux luire,
Vois les astres s'y mirer,
Un instinct là-haut t'attire,
Tu vois Dieu sourire,
Mais je vois l'homme pleurer.

VICTOR HUGO.

Tu nasceste nas florestas,
A ser rainha das festas
Vieste do campo, ó flor,
Carecias d'outra palma,
Querias ter dentro d'alma
Mais vida, mais luz e amor!

Chegaste—lembras-te ainda?
Todos disseram:—«bem-vinda
«Seja a flor que chega, e vem.»—
Que lindas cores, que esmalte!
Sem que uma só graça falte
Ás muitas graças que tem.

E nos campos tu scismavas,
Com a lua segredavas
Pallida, á noute, sem véu;
Era triste a sympathia,
Melancolica a poesia,
Que te prendiam ao céu.

Vivias p'la intelligencia,
Invejaste outra existencia,
A vida do coração;
E dos teus campos no olvido
Vens das festas ao ruido,
Vens do mundo ao turbilhão!

No tumultuar das salas
Escutaste, ai! quantas fallas
Se mentidas.. não o sei,
Mas se disiam que és bella,
Que te adoravam, donzella.
Que não mentiam — direi. —

Nos bailes, ou nas campinas,
Aqui, ou entre as boninas,
Quem o preito te negou?!
Quem essa alma, ou essa fronte,
Que abarca um vasto horisonte,
Conheceu, e não pasmou?!

Ninguem — ó virgem, perdoa,
Se não vou á tua c'roa
Mais uma rosa enlaçar —
Não vou — perdoa — não quero,
Se eu dos outros nada espero,
De mim que podes esp'rar?!

Um vago canto?! — que presta?!
E a rosa, se não attesta
Ser de viçosos rosais?
Ahi fica um nome pobre —
Que o mundo evita, e s'encobre;
Fica um nome — e nada mais.

ERNESTO MARECOS.

O DESERTO.

Ao meu amigo P. A. d'Assumpção.

> Dania vejo em quaesquer praias;
> Qualquer bosque é suas faias,
> A quem digo um longo adeus!
> CASTILHO.

I.

Era manhã—já brilhante,
Lá, ao longe, sobre a serra
Vinha o sol dourando a terra
Com seu manto abrasador;
A naturesa encantada
Lá n'essa zona abrasada
Folgava bella ao calor.

Era manhã—cristalino
Chora o orvalho em cada folha;
O horisonte que se antolha
Que saudades faz surgir!
Oh! que margens deleitosas!
Que fragrancia n'essas rosas!
E o mar tão manso a dormir.

E eu era então sobre a praia...
Sobre a praia tão querida;
Triste adeus de despedida
Ia á minha patria dar!
A meu lado um pai chorava,
Em seus braços me apertava
Minha mãe a soluçar.

Pobre mãe! que n'esse instante
Vias teu filho ir-se embora,
Deixando o berço da aurora,
A demandar novos céus!...
E eu parti.—Do tombadilho
Dirigi como bom filho
Á patria sentido—adeus!—

E eu inexperto, inda infante
Só de nove primaveras;
Innocente—n'essas eras
Não era ainda infeliz.
E esse dia tão tristonho
Lembra-me ainda, qual sonho,
D'esse tempo tão feliz.

II.

E parti.—Na superficie,
Como o espelho fresca e lisa,
Do mar alto se deslisa
Ligeiro patamarim. [1]
Por cima tem o azulado
Céu;—por baixo o mar salgado,
Vasto horisonte sem fim!

Assim vogara tres dias,
Cortando o salso elemento,
Bafejado pelo vento,
Por mansas águoas d'anil;
E á noute, ao surgir da lua,
Branca vela, que fluctua,
Imita visão gentil.

Tres dias passam, no quarto
Surge o sol, brilho perdido,
Geme o velame sentido
Açoutado p'lo tufão!
Cai do céu basto agoaceiro,
E o mar, ha pouco um cordeiro,
Rugia altivo leão!

Rugia.—Vejo o barquinho,
Impotente contra a plaga,
Rolando de vaga em vaga,
Balouçar-se no escarcéu;
E suspenso sobre o abysmo,
Sobranceiro ao cataclysmo,
Ir de encontro quasi ao céu!...

[1] Barco semelhante a um hyate.

Pobresinho! vais perder-te,
Fraco baixel já sem guia!...
Quem da quéda o salvaria,
Vendo-o suspenso no ar,
Entre elementos em guerra,
Mirar da liquida serra
O abysmo, que o ha de tragar?!...

Vai perder-se. — Rota a vela,
Com mais fôrça vem feril-a
Rijo tufão, que sibilla
Nos ares como senhor.
Mas não — o oceano orgulhoso,
Se medonho, é generoso
Ás vezes no seu furor.

Vendo o barco, que o sulcava
Tão leve, quasi sem peso;
Encarando-o com despreso,
Altivo o dorso enrugou;
E, qual pó do vento erguido,
O baixel, compadecido,
Contra a praia arremeçou.

III.

Era a tormenta passada,
Já risonho o céu se ostenta,
O trovão já não rebenta,
A luz as trevas venceu;
Á procélla, que gemia,
Como amena noute ao dia,
Tarde amena succedeu.

Esse abalo tão violento
Livrara o barco de p'rigo,
Que impellido a porto amigo
Junto ás praias ancorou;
Mas que margens são aquellas,
Que defronte surgem bellas,
Onde o acaso me levou?

Oh! não sei. — Desembarcára,
Livre de p'rigos e mágoas,
Que curtira sobre as ágoas,
Já marcho terra a pisar;

E da praia em bosque perto
Penetrei. — Era um deserto,
Com que fôra deparar.

Ólho e pasmo — era sosinho
Já no centro da floresta,
E nenhum ruído attesta
Ser habitada de alguem.
Neste bosque silencioso
O socego é magestoso,
É mudo o vento tambem!

Tudo é mudo; — d'entre a selva
Brota espesso agreste matto,
Nem corre brando regato,
Tudo é mudo em deredor,
Montes, valles, o rochedo,
Grutas, bosques, o arvoredo
De tão escuro verdor.

Queima a areia — se caminho.
Nos ares sôa o compasso
Vagaroso de meu passo,
Calcando as folhas no chão.
Eu com medo paro, hesito . . .
E respondem-me se grito
Os eccos da solidão.

Mas prosigo avante, e ouço
Voz maviosa, cadenciada,
De uma guzla acompanhada,
Tristes eccos a animar.
Oh! que voz tão triste, e grave,
Sonora, linda, suave,
Vinha a soidão despertàr?

Era a voz d'alguma fada,
Que no deserto perdida,
Cantava longe da vida
Praseres, que a vida tem?
Ou sem patria, desgarrada,
Recordava apaixonada
Saudades, que á mente vem?

Era grega — a tez morena,
O olhar brilhante e tão fino,

O nariz tão aquilino
Tornava-a bella sem par!
De quando em quando repassa
Ageis dedos com tal graça,
Sobre as cordas a vibrar!

Oh! quem não endoudecera
Vendo a expressão d'esse rosto,
Lindo, moreno, ao sol posto,
Co' os olhos de preta cor?
E espreitando-a na folhagem
Sentada, d'alva roupagem,
Quem não morrera de amor?

Mas eu não — que, vendo-a, infante,
Alva, pregada ao rochedo,
D'esse alvor eu tive medo!
E, a seus pés vendo luzir
Aromatica fogueira,
Julguei que era feiticeira...
Fugí d'ella a bom fugir!

Foi então... se fosse agora..
Oh! d'ella medo não tinha...
Mas a noute era visinha,
E com ella a escuridão...
— Embarquei — no outro dia
Só lá ao longe se via
Entre sombras o Indostão.

Março de 1855.

C. S. VASCONCELLOS.

DÚVIDAS

AO MEU AMIGO JOSÉ GOMES AROUCA,

ESCRIPTAS NO SEU ALBUM.

Rien n'est vrai; rien n'est faux.
LAMARTINE.

Constante duvidar é lei suprema,
Se do infinito ao solio aspira a mente.
É triste ver murchar as magas flores,
Que já vimos florir, sem uma esp'rança
De ver chegar a um sol de primavera,
Que lhes reanime a vida; e nem ao menos
Vel-as todas morrer!—Era p'ra sempre!!
E o desespero é nobre, e alenta a vida,
Que no lethargo se esvai.... era p'ra sempre!!

Quando á voz da tormenta ás praias vôa
A onda, e vai saltar além das rochas,
Quantas vezes lá fica presa, immovel,
Sem força, sem vigor, inerte, estática!
E quem dirá que é morta? não retrata
Essa onda presa no seu rosto limpido,
Embora em podre calma, o raio, as nuvens,
A lua sempre triste, e o sol ardente,
O vôo da ave, o meteóro, a estrella?...

E quem dirá que vive?.... A luz funerea
De mortuarios brandões tambem se estampa
Sobre o inerte cristal dos olhos bassos
Do cadaver, que vai da morte á estancia.

Assim da alma se enerva a ardencia, a vida,
Se do pensar n'um vôo sublime, aério,
Da dúvida cahiu no abysmo gélido.

Alli vem reflectir-se, achar um ecco
O riso, o pranto, a dor, os ais, e o crime,
Os hymnos d'anjos, e as canções blasfemas,

Os protestos d'amor, a morte, a vida.
Alli tudo o que existe se projecta
Como sombras subtís d'um ser fantástico,
Que ao capricho d'um sopro se transforma,
Sombras mudando em luz, e a luz em raios;
Eis como estes festejos da existencia
Alli vem reflectir-se, achar um ecco.

Mas eccos tem as brenhas mais escusas,
E não sabem sentir.—O charco pútrido
É o espelho do céu, e em seus vapores
Do seu seio de morte a morte envia;
Assim pairam na mente os vagos seres,
Que em seu pensar abraça, alcança, e cria,
Mas já não sabe amal-os; já não pode
Diser-lhe:—«has de ser meu, ou meu não sejas.»—
É qual onda estagnada, inerte, immovel.

É triste assim esta existencia da alma
Duvidar, se duvida, é muito, é tudo;
Mas chega ahi, por que medita sempre:
—Se do infinito ao solio aspira a mente,
Constante duvidar é lei suprema?—

II.

Sobre montões de ruinas
Revôa o genio da guerra,
Rebenta o seio das minas,
É mares de fogo a terra,
Retincto de sangue, e fogo,
Queda o ar.
Olhai... não vedes aos centos
Cortados membros sangrentos
Pelos espaços crusar?...
Pedras bordadas de capellas sanctas,
Troncos robustos de frondosos bosques,
Cortadas cup'las de marmóreos templos,
Moídas pedras d'immortais kiosques?...
Nas ondas de fogo
Não vedes? Olhai,
O tronco de um filho
Nos braços de um pai!
Vêde os robustos fragmentos
De tantos peitos fieis,
Morreram como soldados,

Ainda voam rodeados
D'espadas, lanças, broqueis.
Olhai como um povo valente se extingue,
Em vagas ferventes fundindo-se logo;
Olhai... mas, não vedes dos troncos manando
Chuveiros de sangue nas ondas de fogo?...
Junto ao cahos das ruinas
Pasma um exercito inteiro,
Como algoz que espia a victima
No estrebuchar derradeiro.—
Fugi, soldados, fugi!
Que o sangue d'um povo nobre
Transpassa os elmos de cobre,
Cai-vos nas frontes,—fugi!—
Que esse labéu não se extingue,
Nem ha valor que vos vingue,
É saugue d'irmãos, fugi!.....
Silencio! Que o redemoinho
Findou em fim;
É triste ver tantos brios
Morrer assim.

Em vez das notas de sagrados hymnos,
Que se devem á morte,
Troaram cantos d'ebriedade louca
Sobre as tépidas cinzas d'esse povo,
Que fora grande e forte.

Em vez de triste cipreste
Ornaram de louro as frontes!
Tiveram sêde, e sorriram,
Deixando rubras as fontes!
O sangue que os salpicava,
Dourou-lh'o a historia!
A essa lucta fratricida
Chamou-lhe gloria....
E será esta a gloria que eu sonhei?...
Será?.. não sei.

III.

Quantas vezes no cimo d'alto monte
Vai sentar-se o mortal, fitando os céus
Quando o sol se recosta no horisonte,
E a mente vôa, sobe, e encontra um Deus?
Causa das causas, perennal principio,

Que rege a eternidade,
D'onde manára o mundo, os céus, e os astros,
A luz, e a immensidade.
Se a mente vôa audaz mais o infinito
Se expande, e se descerra;
Cançado o homem da amplidão immensa
Descai olhando a terra;
Esta sim, que o pensamento
Abraça o dominio seu,
E aqui fora grande o homem,
Se nos seus vôos gigantes
Não tivesse visto um céu.
Que os altos vôos do genio,
Cujos delirios fatais
Tanto adora a humanidade,
São as asas da vaidade,
Que cega, e perde os mortais.

Ave implume, aguia sem asas,
Genio sem luz, luz sem norte,
Baixel sem leme, e sem velas,
Alma louca, eis a tua sorte;
E quando tentas devassar o espaço
N'um longo sonho de feliz ventura,
Então a mente se desvaira, e perde,
E vôa, e sobe, e nunca mede a altura.

. . . .

Quando volve em torno a vista,
Já quando o sol c'roa o monte
Vê-se estampado gigante
Além, no monte distante,
No mais extremo horisonte,
Os pés, firmados na terra,
A fronte casada ao céu!
E a cada movimento
A sombra transpassa leguas,
E o homem cede ao destino,
E brada sem luz, sem tino:
—«Na terra grande sou eu,
«Quando se extingue e morre a luz do dia
«Gigante é o vulto meu,
«Morta de Deus a idêa é grande o homem,
Assim é grande o atheu.»
Nem viu que a sombra quando o sol findára
Se dissipou, e morreu;
E assim fascinada a mente acode

A dourar-lhe o viver,
Assim d'um coração morre a puresa,
E se cria um Voltaire.

Já quando noute serrada
Á terra volve afoguiados olhos
Não vê a esteira d'abrolhos,
Que podem rasgar-lhe os pés;
N m já vê se o cercam flores,
Se fundo abysmo talvez,
E em convulsão desesp'rada
Pergunta a si delirante:
« Por que voei tão distante,
«Se vim cahir no meu nada?
«Mas eu subi tanto . . . tanto . . .
«Seria um sonho d'encanto,
«Que a mente cria, e não vê?

Assim, de si duvída, e triste a fronte pende,
E, se d'essa alma a luz não foi de todo extincta,
Duvidou, morreu-lhe a fé.

IV.

Da leda infancia nos vergeis risonhos,
Nos magos sonhos, que nos vem saudar,
Surge na mente lisongeira esp'rança,
Vaga lembrança de sentir, e amar.

Visão 'smaltada de risonhas cores,
Fallando amores, apontando o céu,
Esconde as fórmas delicadas, breves,
Nas ondas leves de virgineo véu.

Embora sombra d'illusão somente,
Cria-lhe a mente a doudejar d'amor
O brilho, as fórmas, seducção, e a ardencia,
A luz, a essencia, o movimento, e a cor.

Se asas lhe dera o delirar de fogo,
Voara logo demandando o céu;
E assim quem póde disputar-lhe o encanto,
Quem ousa tanto, se o criou, e é seu?

Ninguem —deixai que na vida
Se possa um goso encontrar,

Não queirais ver ressequida
Alma, qu' em fogo incendida,
Nasceu p'ra sentir e amar.
Da verdade acerba e dura,
Que de lucto e de amargura
Vos faz carpir e soffrer,
Deixai que o pobre se esquive;
Vive d'um sonho, mas vive,
Ninguem lh'enlucte o viver.

E assim corre a vida em sonho,
Que aviventa o coração,
É falso, mas é risonho,
É sombra, mas tem condão.

Um dia, inteira a cidade
Sem distincções d'excellencia
Folgava, n'essa ebriedade
Vivia muita orfandade
D'envolta a muita opulencia
Sem distancia, nem vaidade,
Que os festins da sociedade
São expansões d'existencia.
. . . .
«Por entre os grupos unidos
Quem vai passar? attendei
Aquelles negros vestidos,
Esses cabellos pendidos . . . .
A virgem com que eu sonhei? . . .
São d'ella os braços nevados,
D'ella os labios nacarados,
Que em sonhos tanto beijei!
Não me dais logar ainda?
Sonhei-a assim pura e linda,
Roubais-m'a por que acordei?! . . .
É p'ra morrer de saudade
Se me prendeis, por piedade,
Eu tinha-a sonhado assim . . . .
Só . . . esse olhar tão risonho,
Que ora vos dá, no meu sonho
Fitava-o somente em mim.»

Vôa o pensamento ao largo,
E em prantos se passa o dia,
Nem o acorda em seu lethargo
A luz, a festa, a harmonia;

Vê-a sempre, e sempre bella,
Mas ai, já nos labios d'ella
Não beija o vivo carmim,
Ide perguntar-lhe agora:
«Se crê como cria outr'ora,
«E se elle disser que sim..

V.

Por que será que o mundo quer do poeta
Fontes puras somente, e meigas flores,
Sempre uncção d'innocencia em trovas sanctas,
Repassadas de crenças, e d'amores?

VI.

Como pode o poeta, que descrera
Por que o mundo lhe diz:—«esquece as dôres,»—
Mentir em notas de canções hypocritas,
Repassadas de crenças, e d'amores?

Eu vi um curto horisonte
Quando a terra em torno olhei;
Quiz erguer mais alto a fronte,
Quando subi, duvidei;
Pode a terra em voz segura
Dizer-me:—«crê»—é loucura,
—«Finge»—não posso, nem sei.

Oh! feliz da humanidade,
Se as visões do seu sonhar
Forem ridente verdade
Nas horas do despertar!
Se no seu viver bemdito
Tentar um vôo infinito
Sem descrer... sem duvidar.

Coimbra — Março de 1855.

T. A. RIBEIRO.

O ALBUM, O CORAÇÃO, E A ROSA. (*)

Escolheste-me a escrever
Aqui, na primeira folha,
Mas faze melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, se mal acertaste,
Donzella, se te enganaste,
Tens o remedio na mão;
A desgraça foi pequena,
Dizes só: —*não vale a pena*,
E rasgas a folha então.

No outro livro assim não é;
Uma pref'rencia illudida
Acompanha toda a vida,
Leva raizes no pé;
E se for no livro aquella
Primeira pagina bella,
Mais raizes levará;
Porque a innocencia serena
Confia que *vale a pena*,
E pena sempre terá.

Depois, tu deves pensar
Que em certa folha indo errada,
Por mais que a queiras rasgada
Ninguem t'a póde rasgar.
Debalde então se procura
N'outra pagina a ventura,
Que as outras são folhas vãs;
Uma há só no livro amena,
Ou então *não vale a pena*,
Se tem mais folhas irmãs.

Deixa pois, que ao escrever
Aqui, na primeira folha,
Te lembre melhor escolha
No livro do teu viver.
Aqui, donzella formosa,
Pode uma *fingida* rosa
Pagar bem ao trovador;
Mas lá não; tudo condemna
Falsa rosa, e *vale a pena*
Sómente a rosa de amor.

A *falsa* tem para mim
Falsidade lisongeira,
Que, se fosse *verdadeira*,
Havia murchar por fim;
Mas da outra a qualidade
Deve ser *sem falsidade*,
Conservar viço immortal;
Rosa, que o tempo envenena,
É flor, que *não vale a pena*,
É *verdadeira*... no mal!

E se a *falsa* valor tem
Por ter andado comtigo,
Em dal-a não houve p'rigo,
Não póde achar-lh'o ninguem;
Vem do peito, mas embora,
Foi só do ramo *de fóra*,
Não é flor do coração;
Essa sim; d'amor na arena
Repara, que *vale a pena*
Ao dal-a, escolher a mão.

12 de Março de 1855.

J. DE LEMOS.

(*) Para intelligencia destes versos, escriptos na primeira pagina d'um Album, é necessario advertir, que a repetição da phrase — *vale a pena* e *não vale a pena*, — se refere a uma conversação, que precedeu o pedido dos versos; e, que com o Album foi enviado ao author um botão de rosa artificial, tirado de um ramo, qué na vespera trouxera ao peito a amavel dona do livro.

Á PAGINA DE UM LIVRO EXCLUSIVO.

N'esse livro, em qu'escreveu
Ahi, na primeira folha,
Donzella, por tua escolha,
Ninguem diz—mal escolheu.—
De certo bem acertaste,
Donzella, não te enganaste;
Fazes bem por isso então,
D'esse teu livro mentido
Egualar ao não fingido
Livro do teu coração.

Deixa em branco as outras folhas,
Não lhes deixes escrever,
Pões a par o livro falso
Do livro do teu viver.

E dizes: « fechou-se o livro,
Ninguem lhe tente gravar,
Outro nome; e ao do Poeta
Vir o seu nome juntar,
Este só, no livro escripto,
Da-lhe um valor infinito,
Valor, que pode perder,
Se um outro bardo atrevido
Vem um canto mal sentido,
De pobres frases vestido,
N'este meu livro escrever. »

E dises: « fechou-se o livro—
E n'*outra*, que em branco 'stá,
Uma só mão, como n'este,
No meu livro escreverá. »
Lá, donzella, n'essa folha,

Se pode, deve a escolha
Em bem a outra exceder;
Não vá no livro da vida,
Mão d'homem mal escolhida
Nesse teu livro escrever.

É então que *val a pena*
Longas noutes meditar,
Quem n'esse livro formoso
Deve o seu nome gravar.
N'essa escolha tem sentido,
Não julgues tempo perdido,
Não temas tempo gastar;
Se não achas, — eu sou franco —
Deixa o livro todo em branco,
Deixa-o em branco ficar.

18 de Março de 1855.

N. X. BRITTO.

BORBOLETA NEGRA.

É a luz trémula e baça
No amortecido clarão;
Em torno della esvoaça
Por fatal fascinação
Uma negra borboleta;
A que vens triste propheta?
Que presagia indiscreta
Essa tua apparição?

Triste fado, e triste sina,
É o fado e a sina que tens;
Lucto, lagrimas . . . ruina . . .
Comtigo traseş, e vens —

Vens ao homem inexperto
Provar que a morte vem perto,
Que no mundo nada ha certo
Que mudam todos os bens?

E a mim de noute, tão tarde,
Vens tu más novas traser?
Ou vens ver como é cobarde
Quem se acurva ante o soffrer?
Vens diser-me que ella mente
Quando me jura que sente?
Que é uma estatua indiff'rente
Sem poder amar ou crer?!

Eu sei tudo — quem exige
Que m'o venhas repetir?
Tua presença me afflige
Não te quisera sentir —
Ao veres sem enthusiasmo
A alma presa do marasmo,
Vens tu cuspir-lhe um sarcasmo,
Uma ironia, e sorrir?!

Vai-te, foge da desgraça,
Mensageira, foge — vai. —
Nem o pranto se deslaça,
Nem os labios corta um ai,
A victima resignada,
Só, triste, só... concentrada
No que padece — e calada
Quando vê que morre e cai.

Mas não fujas, mas perdôa,
Sou injusto contra ti;
Adeja, vôa, revôa,
Perpassa junto de mi...
É mundo a sociedade
Por inepcia, ou por maldade,
Que te engeita, e que não hade
Ver-te, amar-te, negra assi?!

Adeja, porém não corras
A abrasar-te nessa luz;
Temo tanto que tu morras
No brilho, que te seduz...
Vejo exforçar-te sem tino

Se pode, deve a escolha
Em bem a outra exceder;
Não vá no livro da vida,
Mão d'homem mal escolhida
Nesse teu livro escrever.

É então que *val a pena*
Longas noutes meditar,
Quem n'esse livro formoso
Deve o seu nome gravar.
N'essa escolha tem sentido,
Não julgues tempo perdido,
Não temas tempo gastar;
Se não achas, — eu sou franco —
Deixa o livro todo em branco,
Deixa-o em branco ficar.

18 de Março de 1855.

N. X. BRITTO.

BORBOLETA NEGRA.

É a luz trémula e baça
No amortecido clarão;
Em torno della esvoaça
Por fatal fascinação
Uma negra borboleta;
A que vens triste propheta?
Que presagia indiscreta
Essa tua apparição?

Triste fado, e triste sina,
É o fado e a sina que tens;
Lucto, lagrimas... ruina...
Comtigo trases, e vens —

Vens ao homem inexperto
Provar que a morte vem perto,
Que no mundo nada ha certo
Que mudam todos os bens?

E a mim de noute, tão tarde,
Vens tu más novas traser?
Ou vens ver como é cobarde
Quem se acurva ante o soffrer?
Vens diser-me que ella mente
Quando me jura que sente?
Que é uma estatua indiff'rente
Sem poder amar ou crer?!

Eu sei tudo — quem exige
Que m'o venhas repetir?
Tua presença me afflige
Não te quisera sentir —
Ao veres sem enthusiasmo
A alma presa do marasmo,
Vens tu cuspir-lhe um sarcasmo,
Uma ironia, e sorrir?!

Vai-te, foge da desgraça,
Mensageira, foge — vai. —
Nem o pranto se deslaça,
Nem os labios corta um ai,
A victima resignada,
Só, triste, só . . . concentrada
No que padece — e calada
Quando vê que morre e cai.

Mas não fujas, mas pèrdôa,
Sou injusto contra ti;
Adeja, vôa, revôa,
Perpassa junto de mi . . .
É mundo a sociedade
Por inepcia, ou por maldade,
Que te engeita, e que não hade
Ver-te, amar-te, negra assi?!

Adeja, porém não corras
A abrasar-te nessa luz;
Temo tanto que tu morras
No brilho, que te seduz . . .
Vejo exforçar-te sem tino

Por cumprir esse destino
Inevitavel . . . . mofino . . .
Que á morte em chammas conduz!

Já pela luz, que fascina,
Houve alguem, que enlouqueceu;
Fui eu — que ella era divina
Julguei — não vinha do céu.
Proxima ao fim s'extinguia;
E como essa frouxa ardia;
Porém, frouxa, consumia
Todo o ser e corpo meu.

Queimei-me, como te queimas;
Depois vi-me exangue e só —
Borboleta, porque teimas?
Tu não me ouves? causas dó!
Quem um conselho te deve
Não escutas? — já de leve
A chamma roçaste, e em breve
Serás como eu . . . cinza e pó!

ERNESTO MARECOS.

SAUDADES DO TEJO.

Lindas damas do Tejo, a vós meu canto
De saudade sentida offerto agora.
Quem me dera banhar nas agoas tuas,
N'essas agoas, que amor em mim crearam,
Doce Tejo, por mim sempre querido;
Oh! quem me dera achar-me no teu seio,
Onde o argenteo clarão da lua cheia
A plana lympha torna prateada,
Onde aqui, acolá, se vê, fluctúa
Pequenino barquinho, á pesca affeito.
Se eu podesse d'aqui correr, voando,

Nas margens tuas ir pousar, ó Tejo,
Tuas damas rever, ouvir seu canto,
Que ao meigo rouxinol disputa a palma,
Ir a Elisa prestar fiel, constante,
Nas aras do amor grato holocausto,
Qne a ella só compete ha tantos annos;
Saudades mitigar a sós com ella,
Por quem este meu peito só suspira,
Abrandára assim só o ardor funesto,
Que em mim produz tão longe a ausencia dura,
E dera só por isso a cara vida.
Que dor, ó bellas, oh! que desespéro,
Meu candido horisonte vai finando!
O tão feliz porvir, que me esperava,
Sumiu-se pouco e pouco, e ha desfeito.
Seductoras visões, com que eu sonhára.

II.

Se em vez, damas, se em vez de estar entregue
Á Minerva cruel cá, n'esta *aldêa*,
Se em vez de estar vivendo semi-morto,
Se em vez de estar aqui, n'este convento,
Onde os mochos, morcêgos me acompanham,
Disfructasse essa pacífica Ulisséa,
Se em vez de estar aqui, de vós distante,
Eu gosasse o engraçado sorrir vosso,
E comvosco brincasse em loura areia
Pelas praias do Tejo tão formosas;
Se em vez de estar em fim junto ao Mondego,
Na risonha Lisbôa ora me achasse,
Saciara ahi saudades rigorosas,
Que ralam este peito angustiado,
Esp'ranças eu nutrira lisongeiras,
De amor bebera a vida em fonte pura,
* Envolta a existencia em mil praseres.

III.

Que saudades, ó bellas, me atormentam
Do passado feliz, dourado tempo!
Ora me occorrem, ora me perturbam,
Doces lembranças, que o soffrer apura,
Ora triste me lembra o alegre Maio,

Que comvosco passei ha lustro e meio,
Quando em mago vergel, junto a Bemfica,
Os sorrisos gosei da linda Elisa.
Por vez então primeira os olhos lindos
Em mim craváram settas penetrantes,
Por vez primeira então d'amor captivo
Com meus labios toquei a mão tão nivea,
Mil ósculos lhe dei uns apoz outros.
Que vezes não estávamos sosinhos,
Ó minha doce amada, á sombra fresca
Do glauco castanheiro, junto á fonte,
Da sésta ardente a calma alli passando?
Que vezes nos não vimos em pomares
Da alva flor de laranja enamorados?
E quantas vezes em jardins floridos
Sob a brisa da tarde tão fagueira,
Da noute amena certa pregoeira,
A linda cor não vimos do céu puro,
E o sol ir já sumir-se no occidente?!
E quando á noute em fresca primavera,
No argenteo carro a lua contemplando,
Perilampos gentis ias colhendo,
E a voz unias doce á lyra minha,
Que de horas não passámos esquecidos?!
E os nossos corpos dous, uma existencia,
Que unidos sempre foram mutuamente,
Agora espaço horrivel os separa,
E juntos a saudade nos opprime,
Ambos ausentes, ambos delirantes;
Oh! distancia cruel, oh! trance duro!
Oh! maldictos aquelles, que separam
Este peito do peito a que pertence;
Fasei que eu volte ao Tejo, que eu reveja
O objecto sempre amado, e sempre caro;
Qu'em nossos olhos corra ao doce encontro
O manso, e alegre pranto . . . mas loucura!
Que lembranças vou buscar, e tão tristonhas!
Eu proprio meu algoz p'ra meu tormento?!
P'ra que nutro esperanças de tão longe?

IV.

Oh! se visses, Elisa, se tu visses
Do meu triste viver a scena amarga,

Mais que tudo isto agora te movera.
A vida, que eu passava, tão ditosa
Melhor me fôra agora antes perdel-a,
Que a morte para os tristes é ventura.
Em tudo, ó cara Elisa, me apparece
A tua image' esbelta, encantadora,
Ou no vago scismar de todo o dia,
Ou nos sonhos da noute doces, ledos.
Que vida passaríamos alegres
Se o fim colher podéssemos tão santo,
Ao qual o nosso amor só nos destina?
Oh! eterna união, praser ameno!
Purissima amisade, amor eterno!
Dous entes regulára uma vontade.
Elisa, tudo, tudo, a ti me attrahe;
Teus olhos, onde brilha alma candura,
O attractivo sorrir, em que realça
Maga puresa, que meu peito inflamma,
A pudibunda face, onde diviso
O véu da virgindade assaz brilhante,
A meus olhos mais digna inda te tornam,
E as damas Lisbonenses me recordam,
Entre a quaes eu bebi o mel da infancia

V.

Os momentos, ó damas, os instantes,
Que comvosco passei d'Elisa junto,
Qual veloz furacão, passaram todos;
E do almo passado ora me resta
Só memorias bem tristes, e mais nada.
Eu fui feliz, ó bellas, n'outros tempos,
Hoje o bando sem conto de infelises
Como seu companheiro a si me arrogam,
N'outros tempos de mãe gosei os mimos,
Hoje della distante estranhos soffro;
Descançado passei a vida outr'ora,
Em quanto o quiz amor, e o quiz o fado,
Hoje allívio, e descanço encontrar posso
No mausoleu só triste ao criminoso;
Eu outr'ora em Lisbôa fui alegre,
Hoje triste em Coimbra a vida acabo.

VI.

Adeus, ó Tejo! adeus, ó damas bellas!
Elisa, adeus, meu bem sempre querido!
De mim, ai! conservai sempre a lembrança,
De mim, que vos estimo mais qu'a vida,
De mim, que dera tudo só por ter-vos!
E, posto que estejamos bem distantes,
Que suppra, se é possivel, á saudade,
O amor, que vos consagro, e vos dedico,
A vós, bellas, a ti, formoso Tejo,
A ti, ó minha amada, Elisa linda!

Seminario Episcopal de Coimbra, 24 de Agosto de 1849.

C. S. VASCONCELLOS.

O VELHO.

Sentado sobre o marco d'uma estrada,
Dobrado o corpo, supplicante a mão,
Exposta ao sol do estio a fronte calva,
Está um velho a mendigar o pão.

A fome, que o devora, a febre ardente
Lhe retratam no rosto a dor intensa,
E, se não fôra a voz trémula e rouca,
D'um morto ver cuidaras a presença.

É, que o seu coração está tão triste,
Como a fronte mirrada e ressequida;
Que o sentimento está já desfolhado,
Como a cabeça, que lhe está pendida.

É que o viver do velho não é vida;
Só conhece da fome o soffrimento;
Tranquillo e frio já não sente affectos,
Que embotado lhe jaz o sentimento.

Qual d'estatua de marmore na fronte,
Vê-se no velho atroz serenidade,
Que diz, que o peito não encontra um ecco,
Que dê sons d'esperança, ou de saudade.

E o pobre velho, debruçado o corpo,
Soccorro vai pedindo ao caminhante,
O qual á mágoa sua passa alheio,
Ou dá-lhe parca esmolla, e segue avante.

Depois o passageiro folga alegre,
Sem lhe importar do velho o acerbo espinho;
Não lhe percebe mais que a dura fome;
Não vê o triste a vegetar sósinho.

Não vê, que pode haver maior miseria,
Que existe maior fome que a do pão;
Não lê no rosto, n'esse espelho d'alma,
A fome, que elle tem d'uma affeição.

Não se lembra, que o velho, hoje mendigo,
Talvez já fosse outr'ora bem ditoso;
Que a vida, que hoje tem, é outra vida,
Hoje a mágoa pungente, outr'ora o gôso.

Insensivel! não vês o pobre velho
Co'a descarnada mão ora estendida?
Já gosou existencia menos dura,
Nem de luz nem d'amor então despida.

Porem ouvindo um som chamando ás armas,
Que faz tremer a equórea immensidade,
Deixa a familia, deixa o lar paterno,
Vôa ao brado da patria — liberdade! —

No calor da peleja eis que uma balla
Lhe rouba aos olhos seus a luz querida;
Embora, ficou salva a patria amada,
A patria, por quem dera a propria vida.

E o cego volta para o campo ameno,
Julgando a meiga companheira achar,
Ver o filho que amor tinha gerado,
Para os laços d'amor mais apertar.

Mas a mulher, que tanto idolatrava,
Víctima fôra de brutal soldado,
E morrera d'angustias repassada,
Levando para a campa o filho amado.

E o pobre cego ficou só na terra,
Não vendo as rosas, só colhendo abrolhos,
Mais despido d'affectos que d'andrajos,
Inda mais cego d'alma que dos olhos.

Como o pinheiro que se eleva antigo
Da estrada á borda a vegetar sosinho,
Myrrado o velho, solitario, triste,
Eil-o sentado a mendigar mesquinho.

IGNACIO SILVEIRA DA MOTTA.

AS TRES ROSAS.

Tres rosas tinhas ao peito,
Das tres mais uma a mirar,
Tu mais bella que ellas lindas
Teu lindo peito a adornar.
Vi-te, donzella, entretida,
Tão longe cá desta vida,
Das rosas na mais pendida
Teus lindos olhos pregar.
Diz-me, oh! diz-me, virgem bella,
Qual das rosas foi aquella,
Que a alma alli te prendeu?
Dises-m'o, virgem do céu?!

Ai, bem sei — foi a mais branca!

. . . .

Foi a princesa do Douro
Que ella te fez recordar,
Foi, foi, sim, que m'o disseste,
Bem vês não podes negar.
Mas que disia a tal rosa,
A mais branca, a mais formosa,
Que tu 'stavas cautelosa
De quando em quando a olhar?

Foi o que tu não disseste;
Anjo lindo, escuta bem,
Podes diser-m'o, qu'eu juro
Tal não diser a ninguem.
Linda flor, não tenhas medo,
Juro guardar o segredo,
Se dito por ti me for;
Se é bastante um juramento,
Fique já desde o momento
Uma jura por penhor.

«Eu juro por esses olhos
De tão divina expressão,
Eu juro pelo segredo,
Se for do teu coração,
Guardal-o, guardar a jura,
Esta jura de christão».

Como talvez me não digas
Por que os teus olhos captivos
'Stavam a rosa a mirar,
Dir-te-hei, linda donzella,
Nas rosas tenhas cautella,
Que das rosas a mais bella
Tem espinhos pr'a picar.

Coimbra, 8 de Março de 55.

N. X. DE BRITTO.

UM ECCO DO CORAÇÃO.

> Alma! exforça-te um instante!
> Quebra as algemas da dor!
> Dá-me um hymno agonizante,
> No teu extrêmo fulgor.
>
> C. CASTELLO-BRANCO.

Ó barbaro desespêro!....
Quanto mais doce me fôra
O ter morrido ness' hora,
Em que vi a luz fatal!...
Ao menos minha existencia
Não soubera o, que é sciencia,
O, que é mundo, ser mortal!

Não soubera o, que é a vida
No meio deste universo,
Aonde tudo é perverso
Desde a terra até o ceu!
Não soubera o, que é mentira,
—Veneno, que o mundo inspira
A tudo, quanto nasceu!

Não conhecera o supplicio,
O soffrer mesmo na vida,
Ardente chamma accendida
Cá dentro no coração!
Não me queixára do Eterno
Por me ter posto o inferno
Dentro d'alma—n'um vulcão!

Não fôra accusar os homens
Por serem vís homicidas
De creaturas queridas,
D'um amigo, que as amou!
Não soubera o, que são dores,
Nem prazeres, nem amores,
—Fel, que minh'alma esgotou!

Não votara ao vil desprezo
As mentiras dessa dama,
Que me accendera uma chamma
No meu pobre coração!
Não fugira do arvoredo,
Qu'escuta o doce segredo
Das aves da solidão!

Não houvera detestado
A viração, que suspira
Mais terna, que os sons da lyra,
Sósinha nos salgueirais!
Não execrara a donzella,
Que, trahida, e sempre bella,
Sólta ás flores os seus ais;

Não. . . não invejara nunca
Essas aves, que gorgeiam,
Nem os astros, que vagueiam
Sós nos espaços sem fim;
Não aborrecera a rosa,
Que nasce linda e viçosa
Entre muitas n'um jardim.

Imprudente, não descrera
Do porvir, do céu, da terra,
E de tudo, quanto encerra
Este mundo de traição! . . .
Não maldissera a pobreza,
Nem praguejara a riqueza
Dos que tem oiro aos montões! . . .

Mas . . . de que servem queixumes!?
Que me val o ser poeta,
O meu sentir não ter meta,
Se a desgraça é meu condão!? . . .
Para mim que são as galas,
Que são perfumes das salas,
Se eu vivo em tribulação!?

Que m'importam os suspiros
De mil perdidas donzellas,
E seus choros, se por ellas
Eu fui perdido tambem!? . . .
Como posso amar o canto,
E as festas, se com meu pranto
Não s'enternece ninguem!?

No porvir como ter crença,
Se no presente medonho
Eu enxergo, como em sonho,
Um futuro de terror!?
Como hei de amar as estrellas,
Se, reflectindo tão bellas,
Para mim não tem fulgor!?...

Condemna-me a sociedade!
Algemado ao soffrimento,-
Dilacera-me o tormento
Mais duro, que a terra viu!...
Todos me apupam na praça...
E até a mulher devaça
Com desdem de mim se riu!...

Quando passo, o povo zomba
Com infernais alaridos;
Escarnece meus gemidos,
E moteja o meu pensar...
Louco!.. ignora a desventura!
Nem sabe, quanta amargura...
Se encerra no meu chorar!...

Mas... perpasse o povo, e ria
Em frenetico delirio...
No meu penoso martyrio
Hei de voltar-me p'ra a cruz;
Que nesta vida funesta
Um só refúgio me resta
— *Abraçar-me com JESUS!*

Coimbra, 16 de Dezembro de 1854.

M. J. L. DA CUNHA E SILVA

COIMBRA.

(RECORDAÇÕES.)

Coimbra!.... Terra de incanto,
Do Mondego alegre flor,
Venho pagar-te em meu canto
Tributo de antigo amor;
Não m'o engeites porque é pobre,
Porque tens o canto nobre
Do cantor da linda Ignez;
Não m'o engeites desdenhosa,
Não, que esta alma saudosa
Se inflamma ao ver-te outra vez.

Sou quasi teu filho; amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber;
Foi n'estas margens virentes
Que co'as azas incipientes
Meu estro voar tentou;
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia;
Sou quasi teu filho, sou.

Andei lá por longes terras;
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras....
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De París a seducção;
Vi de Roma os monumentos,
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os Cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas gallas
Que eu sei, que apprendi de cór,
Não diziam o que dizes
N'esse extendal de matizes,
Que tens de ti ao redór.

Se não contas tantas glorias,
Quantas por lá querem ter,
És um livro de memorias
Que um portuguez sabe ler;
Eu, por mim, n'essa tua fronte,
N'essas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua *Fonte dos amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo = Portugal!

Aos que pedirem façanhas
D'audaz, guerreiro valor,
Tu as pódes dar tamanhas,
Que os façam mudar de côr;
Se quizerem da cidade
Provas d'antiga lealdade
Apontas-lhe o teu Martim;
Tens sobeja, altiva gloria,
Mas não é, não é tua historia
O que só me falla a mim.

Tudo aqui me falla, tudo,
D'esse tempo que lá vai,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um pai;
Falla-me o sino da torre
Com um som, que nunca morre
Nos echos, que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outrora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas, que mais não veem.

Lembram-me aquelles passeios
Lá baixo no *Salgueiral*,
Ou na *Lapa dos Esteios*,
Ou no fulgente *Areal;*
Lembram-me as idas a *Cellas*,
As suaves tardes bellas,
Passadas *da ponte no O';*
E quando, já n'essa edade,
No *Penedo da Saudade*
Saudades gemia só.

Nem me ficaes esquecidos,
Antigos socios de então,
Que a esses dias volvidos
Vossos nomes nome dão;
Foi vida de irmãos a nossa,
Aqui o palacio e a choça
Eram por dentro eguais;
Crenças vivas, rosto puro,
Olhos fitos no futuro,
No amor da patria rivais.

Esta mesma casa... Oh! quantas,
Quantas lembranças me traz!
Palco amigo, tu me incantas
Co'as imagens, que me dás;
Compõe-me inteiro o passado,
E d'esse viver sonhado
Deixa-me agora enganar...
Mas não... logar ao presente,
Que eil-o se ergue nobremente
Com novos loiros sem par.

Quaes fomos, sois hoje a esp'rança,
Mancebos, da patria a flor,
Do futuro segurança,
Das nossas lettras penhor;
Entre vós o rei da lyra
Bem vedes que vos inspira,
Brandindo um facho de luz,
Bem vedes o immenso brilho
Com que o nome de Castilho
Em nossas glorias reluz.

Eia, mancebos, ávante
Vencei-nos, vencei-nos, vós,
Seja a patria triumphante,
Que é o que importa a todos nós;
Tendes crença, fogo e vida,
Tendes a alma despida
Do lodo das vís paixões;
Levai ao mundo essa aurora,
E sobre os brazões d'outrora
Levantai novos brazões.

Eia, pois, COIMBRA seja
Primavera do porvir,
E n'ella, mau grado á inveja,
Portugal sempre a florir;
Oh! possa eterno este solio,
Este augusto capitolio
Das patrias lettras, brilhar,
Que eu, tomado de respeito,
Eu sempre, dentro do peito,
Hei-de seu nome guardar.

Coimbra, 25 de Novembro de 1854.

J. DE LEMOS.

O CRIME.

—«Olha, mulher, eram sete,
«Que todos ceando achei;
«E sem dó, co'o ferro em punho
«Todos junctos immolei.
«Seus rogos foram baldados,
«Deixei-os assassinados.»
—«E ninguem te viu?»—«ninguem!»—
—«Lava então as mãos depresas
«Do sangue.»—«Não tenhas pressa.»—
—«Não venha por hi alguem...»—

—«Não, não vem; não tenhas medo.»—
—«Mas... creio que ouço fallar!..»—
—«Não receies, foi na rua;
«Ninguem nos vem perturbar.
«E que venhão... sete ou oito
«Que me importa? sou afoito,
«Não quebrou inda o punhal;
«Não, que este ferro temp'rado,
«Quando por mim é vibrado,
«Não conhece inda rival.

«Quando entrei todos me encáram,
«E depois vi-os tremer,
«Depois com susto pasmaram,
«Ouvi-os depois gemer...
«Os golpes foram seguros,
«Valentes, fortes, bem duros,
«Vibrados firmes, sem dó!
«P'ra gritar um se alevanta,
«Cortei-lhe a voz co'a garganta,
«Vi-lhe a cabeça no pó!

«Das duas eu tive pena;
«Era tão bella a expressão
«De seu rosto!—ambas meninas
«Imploraram, mas em vão.
«Parti-as pela cintura,
«Não lhes valeu formosura,
«Nem mesmo o pranto valeu!
«Eram dous anjos, prostradas,
«Aos meus pés tão abraçadas...
—«Deixal-as; foram p'ra o céu!»—

—«Se as visses assim, de joelhos,
«Perdoavas—es mulher!—
«Se viras correr-lhe o pranto
«Deixavas-te enternecer.
«Mas eu não, sou resoluto;
«Não me verga o pranto astuto
«D'essa raça, minha igual;
«Igual nas formas, na imagem,
«No resto tenho eu vantagem
«Quando manejo um punhal.

—«E, se te prendem, que fases?
«Que será então de ti?»
—«Já o tentaram, ligeiro
«Povo e guardas illudi.
«D'outra vez fui agarrado,
«Ía a ser encarcerado,
«Livrei-me.» — «Como?» — «não sei;
«Não via nada no escuro,
«Quando me senti seguro
«Dous ou tres assassinei.

«E em quanto fujo, outros gritam:
«*Quem acode! aqui d'El-Rei!*
«De tanta farda cercado,
«Eu não sei como escapei.
«E corro, as ruas galgando,
«E p'ra traz de quando em quando
«Volvo sempre inquieto olhar;
«Conheço o trilho, que sigo,
«E em breve já sem perigo
«Co'os arcos [1] fui deparar.

«Alli, encontro um menino,
«Vinha só, direito a mim;
«Da gente que me seguira
«N'elle me vingo por fim.
«E, em quanto debalde implora
«Co'as mãos postas, grita, e chora,
«O faço os arcos medir!
«E, d'essa altura cahindo,
«P'ra cima olhou, e, sorrindo,
«Um gemido fez ouvir!...»

N'este tempo outro gemido
O malvado faz tremer;
Será a sombra do anjinho,
Qu'em pedaços viu jaser?
E, co'o cabello herriçado,
Na mulher o olhar pregado,
Lhe pergunta: «que será?»
—«Desgraçado! estás perdido,
«Nossa filha tem ouvido
«Tudo, e tudo contará.»

[1] Arcos das agoas livres, perto de Lisbôa.

—«Que farei p'ra ter seguro
«Agora o silencio seu?
«Dou-lhe prendas...»—«É matal-a!
«Vai direitinha p'ra o céu.
«Mata, mata a malfadada!...
—«Mato-a, se a vejo acordada...
«Pobresinha! nada ouviu;
«Dorme um somno tão divino!»
E das mãos do assassino,
Lusindo, o ferro cahiu.

E o sentimento paterno
Lutara co'a malvadez,
E o sentimento paterno
Vencera ainda esta vez,
E de susto a filha céga
A'justiça o pai entrega,
Que d'esta se não livrou.
Pendurado em forca erguida
Depravada e longa vida
De sangue e crimes deixou.

Abril de 1855.

C. S. VASCONCELLOS.

NO ALBUM DA EX.^{ma} S.^{ra} D. R. A. D. B. NAZARETH.

I.

Donzella, pedes um canto
De soffrimento, ou d'amor?
Se tu vertêras um pranto,
Dava-te um canto de dôr;
Dises—sim—donzella? eu creio,
N'essa pallidez eu leio
Que o—sim—vem do coração;
Oxalá que só sentido
Seja o pranto, e não mentido
Mascáre funda illusão.

Talvez sorriso descrente
Te venha os labios c'roar,
Talvéz do canto innocente
Tu queiras rir, e zombar;
Se assim for, 'squece o meu nome,
Rasga ésta folha, e consome
Com ella prantos, e ais;
Mais longe virá um dia,
Em que dirás se eu mentia,
Se os cantos erão leais.

Donzella, tem mais piedade,
Sempre a descrer, a sorrir...
Não queiras só por maldade
Mais esta esp'rança mentir;
Não calques o sentimento,
Tem dó do meu soffrimento,
Deixa-o comigo viver;
Não quisera tão formosa
Ver desfolhar-se uma rosa,
Porque a rosa diz—*soffrer*.

Se a rosa dissesse—amôres,
Que te fallassem a ti—
Quiseras haver mais flores,
Colhidas como eu colhi...
Para as ver depois murchadas,
Pendidas, amarguradas
D'amargo escarneo sem dó?
Foi, donzella, o que fiseste,
D'esta dor escarneceste,
D'esta dôr, que eu curti só.

II.

Nas longas noites, em que o peito arqueja,
E a mente adeja n'amplidão do ar,
É grato, é dôce recordar verdades,
Ternas saudades de soffrer, e amar.

É grato, é dôce recordar saudoso
Tempo ditoso, a que succede a dôr,
É bello, é grato recordar frementes,
Beijos ardentes de praser, e amor,

Depois mais tarde se o cynismo acalma
O fogo d'alma, que paixão só é,
Vem um sorriso indiff'rente, e frio,
Gelar sombrio o sentimento, e a fé.

E os annos findam, e a vida corre,
E a flor, que morre tão pendida, assim...
Nem pede um canto, que lhe lembre ao menos
Dias serenos d'um gosar sem fim.

Eu bem quisera dedicar-te um canto,
Emblema santo d'um amôr fiel;
Quiz ler n'um rosto expressões bemdictas,
Vi lá escriptas expressões de fel.

Se o mundo um dia lhe chamar descridas,
Fallas mentidas, só mentido amor,
Tu dá-lhe em troca um sorriso livido
Espelho vivido de triste dôr.

III.

Donzella, pediste um canto,
E eu deit'-o do coração;
Pedi eu troca um pranto,
Tu mentiste esta illusão.
Já vês, donzella innocente,
Que o teu sorriso imprudente
Te fez um pranto dever.
Dera o tempo por bem dado,
Se o visse por ti cantado,
D'uma walsa acompanhado,
Que faça o pranto correr.

Coimbra, Abril de 1855.

A. VICTORINO DA MOTTA.

FOSTE RAINHA!....

(NO ALBUM DA EX.ma SR.a D. ***)

Já no occaso o sol esplendido
Beijava as agoas do mar,
Mas ainda vinha os vertices
Dos altos montes doirar;
A aragem do fim do dia,
Cantando com melodia,
Nos dava meigo frescor;
Nuvens sublimes, girando,
Brilhavam de quando em quando
Juncto aos céus de rubra côr!

Á face d'arroio argenteo
Fulgia bello rosal,
Cujos botões formosissimos
Pendiam sobre o crystal;
Alli, formosas donzellas,
Tecendo c'rôas, capellas,
Soltavam grata canção:
Eu, que tão lindas as via
Entre enlevos, d'alegria
Apertava o coração!

Grinaldas teceram vívidas,
Teceram c'rôas tambem,
C'roaram os braços candidos,
Mimosos como a cecem;
Cingiram com rubras rosas
As longas tranças, mimosas,
D'um preto mui singular;
Té nos collos palpitantes
Aos collares fulgurantes
Souberam rosas casar!

Que graças, graças angelicas,
Oh! que talisman gentil
Revelava uma das sylphides,
Mais que as outras senhoril!
Mais que as outras delicada,
Dissera-a do céo mandada,
Qual Archanjo do Senhor;
Meiga, feliz, e ditosa,
Mais linda que linda rosa,
C'roada d'alto esplendor!

Triste de mim! que os aereos
Véos deixaram de brilhar,
Mal do dia o astro eburneo
Se escondera alem — no mar!
E como se fôra o fogo
Do brinco, o brinco p'ra logo
Se foi, que o sol se occultou;
Logo as bellas se apartaram,
Por terra as c'rôas lançaram,
E o meu encanto acabou!

Ainda bem; que é meu idolo
Quem rainha alli foi ser,
Quem nos jardins da existencia
Só flores possa colher,
O anjo, a quem, se eu pudera,
Argenteos palacios dera
Com rosais de Jerichó,
Mil montes d'oiro profundos,
Mundos mil sobre mil mundos
Por um beijo, um beijo só!

8 d'Abril de 1855.

F. A. S. VILLAÇA.

UM TRISTE DESPERTAR.

Vi-te em sonhos, qual anjo brilhante,
Qual és meiga, sorrindo-me terna;
Abraçaste meu peito arquejante,
E constancia juraste-me eterna.

Alvo manto teu corpo cingía,
Aurea c'roa de rosas cercava
Tua fronte, que alegre sorria,
Teu olhar divinal deslumbrava.

De carmim tua boca rosado
Entreaberta teus dentes mostrara
Côr de neve, adorei-te prostrado,
Cri-te um anjo, que á terra baixara.

Este sonho porém, que ditoso
Me fasia julgar, foi desfeito;
Acordei . . . procurei-te ancioso . . .
E achei-me sosinho em meu leito.

* * *

FIM.

INDICE.

Introducção	1
O poeta	2
O passamento	5
O doudo	7
Remorso	10
A recemnascida	17
A. M. Placida	19
A corôa e o cadafalso	22
A vida	26
Desespero	30
No album da Exm.ª Sr.ª D. M. C. Nazareth	33
As crenças da solidão	37
Não te esqueças	41
A' Exm.ª Sr.ª Baroneza de Beduido	42
Ao crepusculo	45
Vi-te	49
Mentiras	51
Verdades	56
Desalento	62
Rosa de tres folhas	64
A noute do baile	65
Um sonho	70
Uma hora de recordação	73
No album da Exm.ª Sr.ª D. M. C. Nazareth	75
Esperanças	77
O promettido é devido	81
No album da Exm.ª Sr.ª D. M. C. C. e Vasconcellos	83
O Deserto	85
Dúvidas	90
O album, o coração, e a rosa	99
Borboleta negra	100
Saudades do Tcjo	102
O velho	106
As tres rosas	108
Um echo do coração	110
Coimbra (recordações)	113
O crime	116
No album da Exm.ª Sr.ª D. R. A. D. B. Nazareth	119
Foste rainha	122
Um triste despertar	124

ERRATAS.

Pag.	Vers.	Erros.	Emendas.
9	15	não sente	que não sente
10	13	fonte	fronte
22	13	vivia	habitava
33	1	ha !	ah !
43	1	singello	singella
64	6	engeitais ! !	engeitais ? !
65	29	arrancam	arranca